

**O Estatuto do Intérprete na Era da Globalização:  
Reflexões sobre uma Experiência Profissional em Contexto de Trabalho**

**Miguel Pastor Fernandes Nobre de Carvalho**

**Trabalho de Projecto de Mestrado em Tradução  
Área de Especialização em Inglês**

**Abril, 2014**

**O Estatuto do Intérprete na Era da Globalização:  
Reflexões sobre uma Experiência Profissional em Contexto de Trabalho**

**Miguel Pastor Fernandes Nobre de Carvalho**

**Trabalho de Projecto de Mestrado em Tradução  
Área de Especialização em Inglês**

**Abril, 2014**

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Tradução, área de especialização em Inglês, realizado  
sob a orientação científica da Prof. Doutora Iolanda Ramos

*Dedico este trabalho aos meus Pais, escol das suas famílias*

*Ao Luiz Coville, cujo exemplo me inspirou*

*Ao meu Tio-Avô José Gomes de Cisneiros Ferreira*

In Memoriam

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Prof. Doutora Iolanda Ramos pelo apoio inestimável na concepção deste trabalho de projecto

À Prof. Doutora Gabriela Gândara Terenas pela oportunidade de trabalhar a interpretação no contexto de Tradutologia

À Prof. Doutora Zulmira Castanheira pelo incentivo à imaginação em Tradução do Texto Literário

Ao Prof. Adrian L'Estrange pela pedagogia aplicada ao ensino de Inglês

«O direito do leitor e o direito do texto convergem numa importante luta, que gera a dinâmica total da interpretação.»

Paul Ricoeur

# **O Estatuto do Intérprete na Era da Globalização:**

## **Reflexões sobre uma Experiência Profissional em Contexto de Trabalho**

**Miguel Pastor Fernandes Nobre de Carvalho**

### **Resumo**

Neste trabalho de projecto, é abordado o estatuto do intérprete, as suas atribuições e a forma como se integra em face dos novos pressupostos, no contexto da globalização, onde se defrontam visões conformistas e inconformistas que lhe abrem novos horizontes, num tempo que aparenta ser cada vez mais rápido. As possibilidades de avaliação da qualidade do seu desempenho serão também alvo de reflexão.

Fazendo referência ao leque de temáticas envolvidas nas actividades em questão, serão analisados exemplos de aplicação efectiva em contexto por parte do autor, em particular: dois trabalhos de interpretação simultânea em televisão e um de interpretação consecutiva e sussurrada em conferência – todos alvo de visionamento e audição em DVD. Pretende-se aquilatá-los, por um lado, à luz da intersecção entre o juízo (em causa própria) do prestador do serviço, como corolário da sua experiência; e, por outro lado, o julgamento dos clientes e a análise *inter pares*.

Através do relato das dificuldades práticas desta realidade profissional, aspirou-se abordar eventuais soluções que pudessem contribuir para reforçar a qualidade do serviço de interpretariado.

**PALAVRAS-CHAVE :** intérprete; interpretação simultânea; interpretação consecutiva; interpretação sussurrada; globalização; tradução.



# **The Status of Interpreters in the Era of Globalization: Reflexions on a Professional Experience in Work Context**

**Miguel Pastor Fernandes Nobre de Carvalho**

## **Abstract**

This project assignment addresses the status of interpreters, their responsibilities and the way they fit in the context of globalization, in the face of its new assumptions, facing conformist and non-conformist views that broaden new horizons, at a time that seems to be increasingly faster. Quality assessment of their performance will also deserve careful consideration.

Referring to the range of issues involved in the above mentioned activities, examples of effective implementation will be analyzed in context by the author, namely: two simultaneous interpretation assignments live on television and a consecutive and whispered interpretation assignment at a conference – all recorded on DVD. This is intended to give a better insight at the intersection between, on the one hand, the service provider self-assessment, as a corollary to his experience; and, on the other hand, judgement from clients and peer review.

By reporting practical difficulties of this profession, one intended to indicate possible solutions which could contribute to a better provision of interpreting services.

**KEY WORDS** : interpreter; simultaneous interpretation; consecutive interpretation; whispered interpretation; globalization; translation.

ÍNDICE	PÁGS
Introdução.....	1
I – Atribuições do Intérprete.....	4
1.1    O Estatuto do Intérprete Simultâneo.....	4
1.1.1    Regras de Ouro.....	5
1.1.2    Qualidade em Interpretação.....	16
1.1.2.1    Interpretação Consecutiva / Simultânea.....	20
II – Globalização.....	24
2.1    Argumentos Conformistas.....	25
2.2    Argumentos Inconformistas.....	25
III – Percurso Individual.....	28
IV – Aplicação em Contexto Profissional.....	35
4.1 Atribuição do Prémio Nobel da Paz 2012.....	36
4.1.1    Dificuldades e Opções Finais.....	38
4.1.2    Justificação.....	42
4.2 Conferência de Imprensa entre o Presidente do Eurogrupo e o Ministro das Finanças Português.....	45
4.2.1    Dificuldades e Opções Finais.....	47
4.2.2    Justificação.....	48
4.3 Colóquio Internacional da APRe!.....	49
4.3.1    Opções Finais.....	50
Conclusão.....	51
Bibliografia.....	55
ANEXOS	
A Interpretações e Transcrições: TC 1 e TP 1	
B Interpretações e Transcrições: TC 2 e TP 2	
C Comprovativos das interpretações e sua avaliação	

## Introdução

Num mundo onde muito pouco está garantido, uma profissão como a do intérprete simultâneo, onde o imprevisto é frequente, requer, simultaneamente, adaptação e vontade de aprender contantes.

Neste trabalho de projecto, é abordado o estatuto do intérprete, as suas atribuições e a forma como se integra em face dos novos pressupostos, no contexto da globalização, onde se defrontam visões mais ou menos resignadas que lhe abrem novos horizontes, num tempo que aparenta ser cada vez mais rápido. As possibilidades de avaliação da qualidade do seu desempenho serão também alvo de reflexão.

Fazendo referência ao leque de temáticas envolvidas nas actividades em questão, serão analisados exemplos de aplicação efectiva em contexto por parte do autor, em particular: dois trabalhos de interpretação simultânea em televisão e um de interpretação consecutiva e sussurrada em conferência – todos alvo de visionamento e audição em DVD. Pretende-se aquilatá-los, por um lado, à luz da intersecção entre o juízo (em causa própria) do prestador do serviço, como corolário da sua experiência; e, por outro lado, o julgamento dos clientes e a análise *inter pares*.

Através do relato das dificuldades práticas desta realidade profissional, aspirou-se abordar eventuais soluções que pudessem contribuir para reforçar a qualidade do serviço de interpretariado.

Tem como objectivo aprofundar outro previamente realizado pelo autor para a cadeira de Tradutologia, também no âmbito da globalização. Na altura, analisara-se o desempenho tradutório de uma equipa de interpretação simultânea que o autor integrara, no primeiro debate televisivo entre os candidatos às presidenciais americanas, Barack Obama e Mitt Romney, transmitido em directo pela RTP Informação. Desta vez, estabeleceu-se outra conexão pragmática e definiram-se outros alvos de estudo que integrassem a experiência mais alargada do mesmo executor.

Na senda da verdade, sempre em conjunto com outros profissionais, obrigado à mais estrita confidencialidade dos assuntos tratados, por vezes através de contrato, desde que se iniciou como intérprete simultâneo EN\_PT\_EN, mais compilador do que pensador original, o autor optou por pesquisar e escolher outras situações de trabalho que pudessem estar disponíveis para análise em DVD, até chegar aos três exemplos, aqui exibidos, de produtos finais do seu desempenho, em directo, no canal RTP Informação e numa Universidade, em Lisboa – que se pretendem examinar no presente trabalho, nas suas vertentes mais vulneráveis.

Qualquer destes trabalhos do signatário representou, afinal, o sedimento dos seus desempenhos regulares precedentes, ao longo da última década.

Por outro lado, tem que se considerar o facto de os tradutores e os intérpretes enfrentarem paradigmas novos: a importância da sua mediação, a desmaterialização do espaço, trabalhar em rede, a utopia dos mercados, a americanização, os agentes de resistência numa nova Babel, as preocupações com a fidelidade e com o deslizar do tempo e a questão da diversidade. São incontornáveis e reflectem o estado de arte, desde que foram enunciados e explicitados por Michael Cronin, na sua obra, *Translation and Globalization*.

Desde os anos oitenta, os computadores deixaram de estar isolados e passaram a trabalhar gradualmente em rede. O progresso – e a Internet em particular – levaram a que aumentasse a velocidade de comunicação e diminuísse a distância. As atividades económicas e financeiras, incluindo a tradução, passaram a ter uma coordenação e um controlo instantâneos. Desde então, auxiliadas pelas tecnologias de informação, as grandes empresas permitem-se buscar traduções e intérpretes em várias partes do globo, independentemente dos fusos horários. Nesta revolução em curso, as fusões e aquisições entre empresas, bem como os acordos de produção conjunta, levaram à centralização do poder corporativo e à transposição das fronteiras geográficas.

As redes virtuais abrem novas possibilidades de reinvenção e, neste âmbito, a maior parte da linguagem que relacione interpretação e globalização aceita a utopia neoliberal como um dado adquirido. Assim, na indústria de tradução obtiveram-se ganhos em termos de geração de emprego, competitividade, economia de custos, lucro e qualidade, em que a melhor relação qualidade & preço se encontra nos países do texto de chegada (TC) oral.

Nasceu uma nova geografia virtual onde quem não tenha acesso a computadores ou a redes de telecomunicações, independentemente da sua competência linguística, estará condenado à irrelevância económica e cultural. Para além das qualificações de cada tradutor ou intérprete, valoriza-se cada vez mais a capacidade de criar pontes entre as pessoas e tal interação constituirá um veículo de mudança entre estas, o conhecimento, o dinheiro e a saúde. A estes profissionais é exigido que analisem informações. Se não estiverem em rede, os tradutores não existem. Dos intérpretes espera-se omnisciência, uma vez que os seus conhecimentos são tomados como garantidos. E todos fazem parte do sistema de mercado. Mais do que intermediários para a promoção da abertura à circulação de bens, pessoas e ideias, os intérpretes parecem ter mais deveres do que direitos.

No caso particular da U.E., dos E.U.A. e do Japão, todos têm estratégias mais locais do que globais, ou seja, a comunicação é aberta, mas os objectivos são claros e específicos. Não sendo os mercados tão livres como se apregoa, os governos continuam a regular e a limitar o acesso ao mercado livre, confundindo-se comunicar informação com alcançar objectivos.

Aumentou a necessidade de criação de pontes linguísticas. Neste âmbito, os profissionais têm tendência para privilegiar um número reduzido de línguas pois é importante não dissipar tempo e energia em demasiadas conexões entre redes. É

indispensável um banho de imersão nas culturas em questão, analisar subscrições de novos membros e zelar pela qualidade de desempenhos. Tal exige curiosidade e estudo incessantes, a nível académico ou não, bem como tempo para consolidar conhecimentos.

Acresce ainda a constatação de cada texto de partida (TP) ter uma música própria. Qualquer discurso oral tem também tradução numa pauta musical e a nossa memória pode estar mais ou menos sensível para aquela sucessão de sons, mesmo que tenhamos um nível elevado de proficiência da língua em questão – o inglês ou o português, neste caso.

Pelo facto de se privilegiarem as transacções rápidas – em minutos e segundos – para que haja traduções e interpretações na língua dominante do mercado, ignora-se e desvaloriza-se o tempo necessário para pesquisar conteúdos ou para estabelecer ligações culturais. Ou seja, os tradutores enfrentam um paradoxo: primeiro, têm de ser facilitadores de intercâmbios; depois, são definidos e formatados pelo seu empenho cultural e pelo investimento realizado em línguas e culturas, as quais, por sua vez, determinam a primeira exigência.

Tudo isto sendo-lhes exigida uma participação activa num campeonato de flexibilidade onde são constantemente instados a desenraizar-se. No caso dos intérpretes simultâneos, quase em tempo real.

As actividades tradutórias preocupam-se muito com os símbolos e é necessária uma estratégia: o que privilegiar, quem desempenha essa tarefa e como proceder em conformidade.

Com a abordagem desta aplicação efectiva em contexto, mais do que explicitar as facilidades que pouco ensinam, comete-se o sacrilégio de dar alguma visibilidade por escrito ao papel do intérprete de conferência e pretende-se abrir uma reflexão inter-pares sobre os respectivos problemas de ordem pragmática, aprender com os mesmos e sugerir eventuais soluções que possam contribuir para reforçar a qualidade do serviço de interpretariado, a partir de uma experiência profissional.

## I – Atribuições do Intérprete

### 1.1 O Estatuto do Intérprete Simultâneo

Daniel Gile (cf. 2009: 51-52) assinala a importância oficial da figura do intérprete desde o Antigo Egipto, passando pelas incursões espanholas no continente americano, até à visibilidade acrescida durante a I e II Guerras Mundiais e a notoriedade obtida durante os julgamentos de Nuremberga, posterior à II Guerra Mundial. Pontos importantes de viragem foram também a primeira tese de Doutoramento em Interpretação de Ingrid Kurz, em Viena, em 1969; as conferências sobre Tradução e Interpretação na Universidade de Trieste, em 1986, com iniciativas que incluíram o lançamento do jornal *The Interpreters' Newsletter*; e estudos interdisciplinares com o neurofisiologista Franco Fabbro (54).

Segundo Roderick Jones (cf. 2002: 3-6) o intérprete de conferência é um profissional bilingue que, «depois de ver, ouvir, compreender, analisar e identificar as ideias principais», supre as limitações linguísticas dos falantes, ao conseguir, numa tradução oral, quase em tempo real – apenas com alguns segundos de permissão – explicar os respectivos discursos falados, bidireccionalmente.

No estudo levado a cabo por Maria Teresa Matos (2013: 16), esta conclui que «o estatuto do tradutor e do intérprete será então constituído pela interacção entre qualificações académicas, experiência, autorização oficial regida por lei, confiança, lealdade». Mas apenas em alguns países é que, conforme relatou, ser tradutor e intérprete «...implica ser aceite pelas instituições do Estado para prestar este tipo de serviços. É um estatuto mais “oficial”, digamos assim.»

É alguém habilitado para eliminar não só a barreira da língua entre duas ou mais pessoas, mas também para transmitir as linguagens corporais, níveis de educação, diferentes culturas e abordagens intelectuais; permitindo que a comunicação flua sem sobressaltos entre os intervenientes.

As dificuldades culturais podem ser implícitas ou explícitas. Visando uma reprodução quase fiel ao discurso original, numa voz colocada para o tom apropriado à ocasião, o intérprete, através de uma escolha judiciosa de sinónimos, tem de saber rephrasear, preencher vazios conceptuais e culturais e mostrar o seu pendor pedagógico, criando condições para que a mensagem seja apreendida pela audiência. Uma vez que trabalham em contextos variados e lidam com um leque amplo de assuntos, deverão ter boa cultura geral e uma curiosidade incessante. Trata-se de uma atividade que, não sendo natural, exige treino.

Pode seguir-se um trajecto de formação ortodoxo (Por ex: Licenciatura em Tradução ou em Línguas Literaturas e Culturas, complementada por um

Mestrado em Interpretação de Conferência) ou outro comprovado por agências de recrutamento de intérpretes, traduzido em resultados profissionais passíveis de credibilização académica que reflectam de forma pragmática um amor inequívoco pelo estudo das línguas portuguesa e inglesa e suas culturas. Há ecletismo nas raízes profissionais dos intérpretes.

Por vezes, nascem de outros ramos do saber. Ao longo do tempo, o autor deparou-se com profissionais de desempenho impoluto cuja formação se encontrava nos antípodas da dos profissionais habituais, nomeadamente, médicos e jornalistas. A liberdade de circulação global leva a que este atributo não seja exclusivo de alguns eleitos «oficiais», conforme se referiu acima, mas antes algo dependente, não raras vezes, da constatação pragmática de um intérprete de facto poder ser também quem prove ser capaz de levar a carta a Garcia, reconhecido pelos seus pares ou aceite pela exigência de clientes. Por vezes, o mercado encarrega-se também de excluir quem não cumpra os requisitos.

#### 1.1.1 Regras de Ouro

Considerando as balizas desta profissão sintetizadas por Jones (2002: 72), jamais estanques entre si – a negrito, abaixo –, permito-me complementá-las graças à minha experiência pessoal:

**a) «Ter presente que se está a comunicar».** Ou seja, importa perceber bem não só qual o público alvo, para que a linguagem que adoptarmos não seja, eventualmente, demasiado erudita, mesmo que a do TP o seja, como sucede habitualmente; mas ter também presente que se espera que os/as intérpretes, sejam profissionais da comunicação, alegadamente capazes de agir adequadamente em qualquer circunstância. Traduzir ou comunicar? Interpretar quem não saiba comunicar.

**b) «Tirar o máximo partido da logística».** É aconselhável chegar com cerca de uma hora de antecedência, para que haja familiaridade com qualquer tipo de aparelhos (uns mais sofisticados do que outros), os quais deverão ser previamente testados; incluindo a rotina de acesso ao eventual *relay de liaison* da aparelhagem (dispositivo accionado quando o intérprete tiver de traduzir, através da escuta da tradução de outro interposto intérprete, localizado noutra cabina de tradução anexa, quando o orador falar numa terceira língua fora da habilitação linguística do primeiro e dentro da do segundo); bem como prestar atenção aos auscultadores (quase sempre excelentes) cedidos pela organização, havendo intérpretes preparados com os seus próprios aparelhos e respectivos adaptadores ou com as esponjas que cobrem os auriculares (uma medida higiénica cautelar, por vezes oportuna que previne alergias); ou tirar partido do recurso à Internet dentro da cabina, depois de solicitação atempada da eventual

palavra passe, através do computador portátil, por vezes conveniente para qualquer pesquisa inusitada ou para consulta de documentação cedida pelo cliente por esse meio.

c) «**Assegurar-se da recepção da audição do discurso**» tanto do orador como do seu próprio discurso tradutório; e estabelecer laços fortes de camaradagem com a equipa de som, os aliados mais importantes do evento. O autor recomenda a vantagem de sugerir que todos se tratem pela segunda pessoa do singular pois facilita a criação de laços e trocas de informação.

d) «**Nunca interpretar algo que não tenha sido dito**» é desejável, embora, por vezes, possa ser aconselhável o recurso ao eufemismo, ou à síntese forçada, em casos de utilização de calão, de linguagem ininteligível, ou de um discurso do dizer relatado à velocidade da luz; para criar pontes entre as partes, julgadas como curiais; quando o que se exija transcenda a mera tradução e implique avaliação quase imediata que conduza a caminhos mais convenientes a seguir, com vista a uma solução linguística harmoniosa que não descure o significado mais profundo do TP oral.

Também pode acontecer, por exemplo, durante o recurso ao *relay*, que o/a colega já acuse cansaço e se engane na interpretação, de modo que, quando determinada palavra chega aos nossos ouvidos, ajamos induzidos em erro.

Foi o que sucedeu quando, certo dia, a palavra original «Mauritio» foi traduzida por um primeiro intérprete do espanhol para português (PT) como «ilhas Maurícias» e pelo signatário por «Mauritian Islands», quando na verdade o orador espanhol se referira a um colega chamado Maurício. No final deste último evento, o colega que iniciara o equívoco pediu-me desculpa pelo indício de cansaço revelado.

Neste contexto, vem a propósito lembrar um poema de Emily Dickinson, citado por Maria Helena Anacleto-Matias (2004: 165):

«A word is dead

When it is said

– Some say

I say it starts

To live that day»

Qualquer intérprete – incluindo o autor destas linhas, conforme se verá infra no capítulo IV – também está longe de se encontrar imune a situações como a que foi narrada por Robbins, correspondente da BBC, protagonizada por Igor Korchilov, um intérprete ao serviço de Gorbachev, quando, alegadamente, errara.



Com efeito, nos anos 80, no final da Guerra Fria, enfraqueceu temporariamente a posição do seu cliente por este ter, supostamente, pronunciado mal o final de uma determinada palavra («verifying», em vez de «verified», em russo), durante conversações oficiais com Bush pai sobre armamento. Caso o Secretário de Estado James Baker não tivesse manifestado estranheza e intervindo no sentido de se confirmar novamente a interpretação – já que tal fortalecia a posição dos norte-americanos como potência fiscalizadora, ao contrário do que a União Soviética defendera até ali –, teria parecido que os soviéticos se submetiam à avaliação americana, no âmbito de um tratado de controlo de armamento. Na primeira oportunidade, o intérprete imediatamente se desculpou junto de George Bush, pai, que o tranquilizou com humor pois tudo se esclarecera a tempo.

e) «**Estar muito concentrado**», resistindo a qualquer força de bloqueio dentro ou fora da cabina, em nome de um bem maior: a fidelidade possível e expedita ao TP do orador. Em situações limite, recomendo fechar os olhos. Em última instância, tudo se reduz a um texto de partida que é preciso decifrar para outra língua.

Na sua obra *Teoria da Interpretação*, Paul Ricouer (2013: 52) assinala «...a afinidade específica que reina entre a escrita e os códigos específicos que geram as obras do discurso.» Logo de seguida, o mesmo autor refere o seguinte:

«Esta afinidade é tão íntima que poderíamos ser tentados a afirmar que até as expressões orais das composições poéticas ou narrativas se fundam em processos equivalentes à escrita.»

Num passo anterior, Ricouer (2013: 51) já havia lançado a provocação:

«...se a dicotomia entre teoria e prática é irreduzível ao par fala-escrita, a escrita desempenha um papel decisivo precisamente na aplicação das categorias de prática, de técnica e de obra ao discurso.»

A prática passada de tradução escrita só ajuda. Os exercícios em torno dos poemas *Limerick*, durante a parte lectiva do Mestrado, em Tradução do Texto Literário, foram particularmente pedagógicos, ao serviço do esforço de localização para obter um TC o mais perfeito possível, após a partilha de soluções com os restantes colegas. “Dar a volta” a TP aparentemente intraduzíveis é uma expressão usada entre profissionais para problemas tradutórios particularmente difíceis, numa lógica de insatisfação que pretende trazer para o TC a ideia mais aproximada e quase sobreponível proveniente do TP.

f) «**Não se deixar distrair com palavras problemáticas**» ou falta de organização discursiva que possam pôr o todo em perigo, embora fora das atribuições do intérprete; por exemplo, quando um orador resolve fazer uma longa nota de rodapé que se desvia das traves mestras da sua prelecção e utiliza

um termo imprevisto; ou, conforme sucedeu no caso de uma conferência do foro militar, quando o cliente, militar, erra na prioridade devida à hierarquia de entidades estrangeiras de altas patentes presentes, os quais, após o evento, desabafam essa constatação *off the record* com os intérpretes, meros ouvintes do melindre gerado, por se ter dado mais importância a alguém de patente menor (*Commander*) em detrimento de um seu superior (*Captain*), desnecessariamente vexado, num fórum onde seria suposto estarem habilitados a seguir os dogmas castrenses.

A nossa função estrita é exercer tradução e, eventualmente, liderar a resolução de alguma dificuldade deste foro (por exemplo, aconselhamento sobre escolha de palavras), quando solicitado pelo cliente. Conforme transmito aos meus alunos, citando a frase atribuída ao sábio grego Sócrates, «por alguma razão temos dois ouvidos e apenas uma boca».

**g) «Manter a audição ativa e analítica e supervisionar a respetiva reacção»;** estando sempre atento ao público alvo que pode, eventualmente, protestar gestualmente da falta de som ocasional ou exhibir sinais de estranheza em relação à interpretação, sendo, por isso, recomendável que o intérprete tenha uma visão ampla do auditório em questão.

**h) «Se possível, usar frases curtas e simples»;** mesmo que o orador opte por uma frase longa e ininterrupta; ou efectuar pausas respiratórias, entre os considerandos, para que quem escute o faça com conforto dedutivo, senão correr-se-ia o risco de o público alvo perder o fio à meada.

**i) «Ser gramatical»;** no sentido de todas as frases proferidas deverem possuir organização sintáctica e ortográfica, mesmo que o orador não tenha esse cuidado. Alguns oradores têm dificuldade em comunicar e parecem ignorar que os intérpretes existem. Falar em público não é o mesmo que falar para si mesmo horas a fio. Deve-se sempre tentar prever os obstáculos causados pelo pior orador e ter esperança no seguinte. O mesmo princípio se aplica aos intérpretes, cuja auto-crítica é fundamental.

**j) «Fazer sentido em todas as frases»;** de modo a que tenham consistência com o TP oral.

**k) «Terminar todas as frases»** com sentido que mereçam tradução.

Acrescento ainda as minhas sugestões:

**l)** Adoptar uma emissão de voz perceptível, agradável e adaptada às circunstâncias, sem necessidade de aumentar os decibéis que podem até incomodar os ouvintes mais próximos da cabina, caso esta não seja estanque ao som; aumentando, ou não, a sua intensidade, respectivamente, no caso da interpretação consecutiva para uma audiência ampla ou sussurrada, para um, ou dois, ouvintes.

Afigura-se curial efectuar alguns exercícios prévios de aquecimento da voz, com vista a prevenir a saúde e o rendimento das cordas vocais, o nosso instrumento de trabalho – cuidados e exercícios que, em regra, não constam nos conteúdos programáticos das licenciaturas/mestrados em tradução/interpretação. As cordas vocais são um dos órgãos do corpo humano que envelhece mais tardiamente, caso sejam bem tratadas.

Para além de todas as boas práticas para prevenção da saúde em geral (como dormir bem e beber 1,5l de água por dia) que servem o intuito anterior, uma boa preparação vocal ensina a tirar partido da potencialidade dos recursos corporais – de modo mais saudável, quase automático e confortável, em fracções de segundo – para colocar a voz onde mais nos convier no sentido de ser mais grave ou aguda, com mais ou menos volume, com timbre mais ou menos agradável. Trata-se de um pormenor que não deve ser sobrevalorizado, mas que pode fazer a diferença, em alguns momentos de maior tensão, como atributo facilitador.

**m)** Estar ‘sempre’ a trabalhar, até em surdina, mesmo quando ainda não tiver chegado a hora de o colega do lado nos passar o testemunho, durante o evento, em nome da harmonia tradutória desejável num espaço fechado, por vezes não devidamente ventilado; revendo a interpretação efectuada; ou, por exemplo, através de eventual troca de impressões por escrito numa folha de papel interposta (naturalmente, com direito de resposta pelo mesmo meio, quando necessário), relembRANDO-lhe, por exemplo, montantes elevados que acabassem de ser proferidos pelo orador, para lhe estimular a memória visual; ajudando-o/a a solucionar problemas tradutórios ou comunicando algo urgente, aproveitando uma pausa respiratória, carregando no respectivo botão do equipamento para o efeito, o que leva a que a interpretação cesse, por breves segundos; ou saindo da cabina, no sentido de alertar a organização para algo urgente; ou simplesmente estando atento/a a qualquer sinal de início de fadiga do/da colega, tranquilizando-o/a e mostrando-se pronto a substituí-lo/a; comunicando também através de mímica; escolhendo a altura mais tranquila para ir aos lavabos, quando necessário.

A equipa não pára, mesmo que a ‘batata quente’ mude de mãos e a solidariedade profissional tem de reinar sempre. Têm de falar a uma só voz, mesmo contra todas as probabilidades.

Por vezes, os intérpretes não estão livres de algum desnorte ocasional, por motivos internos ou externos à cabina de tradução. Vale a pena recordar uma ocasião em que trabalhei com um colega de cabina, em condições pouco ergonómicas. Como se não bastasse, de repente o seu equipamento de som variou e ficou impossibilitado de trabalhar. O meu funcionava, de modo que manifestei prontidão para receber o testemunho, mas exigiu interromper o congresso naquele momento para resolver aquele impedimento. Perante o absurdo da situação, interrompi durante alguns segundos a comunicação em

curso e persuadi-o de que era parte irrelevante, em face da indispensabilidade de servir prioritariamente o cliente, sem interrupções. Este, no final, veio pedir-nos contas, mas conseguimos não o deixar perturbado.

Noutra situação, perante uma inusitada solicitação por parte do cliente, durante a nossa hora de almoço, para que fizéssemos uma tradução escrita de uma página, por especial favor; durante esse tempo, o colega em causa queria recusar peremptoriamente por não ser tradutor, preferindo interpretar, de acordo com o seu estatuto, em simultâneo, a declaração que alguém leria na cabina. Sempre me considerei tradutor, mesmo quando estou a interpretar. Em conformidade, tratando-se de um cliente que era preciso fidelizar, no dizer da recomendação expressa da entidade empregadora que nos havia contratado, não hesitei e persuadi-o a concordar em ajudar o cliente.

Noutra ocasião, outro colega intérprete ausentou-se sem pré- aviso, uma manhã de trabalho, mas sem repercussões pois a solidariedade tinha de imperar e a interpretação esteve assegurada.

Recordo também terem-me um dia adjudicado dois dias de desempenho, por escrito, através de email. De repente, na véspera dos mesmos, um colega meu de cabina avisa-me que já devia estar no meu local de trabalho, embora a minha adjudicação fosse apenas para o dia seguinte. A entidade empregadora desorganizara-se e esquecera de me avisar que o trabalho seria de três dias. Consegui chegar a horas ao local, apenas porque as reuniões em Portugal têm tendência para atrasar o seu início. No final, verificou-se que eram mesmo apenas nos dois dias seguintes pois as línguas de trabalho desse primeiro dia não eram as minhas. Mas fui remunerado pelos três.

**n)** Momentos sempre interessantes são os de aprendizagem mútua. Recordo uma interpretação EN\_PT, onde apreciei que o meu colega de cabina perante a palavra «failure» do orador, a tivesse traduzido por «malogro», revelando outros sinónimos para além de «falhanço». Eu próprio, em contexto de trabalho, confrontado com «absolute evil», fiquei satisfeito por me ter aflorado à memória a palavra «perfídia» – um termo que nunca uso –, para o TC de um discurso do Presidente da Comissão Europeia, abordado infra, no capítulo IV.

Realizar o trabalho de casa conducente a glossários específicos para a ocasião e partilhá-los, trocando atempadamente impressões com o colega de cabina sobre concordância entre siglas (umas traduzem-se, outras não) e outras palavras-chave inusitadas que possam surgir, distribuição de discursos disponibilizados e partilha consensual de hábitos, com atenção aos períodos de intervenção de cada um, com ética profissional. Por vezes, somos confrontados com colegas que não conhecemos e é importante uma adaptação mútua. Noutras circunstâncias, sucede o mesmo com colegas que conhecemos. E eles também têm de se adaptar à nossa idiossincrasia.

É sempre salutar a busca incessante pela palavra mais apropriada, embora possa parecer doentio a quem esteja fora do meio. Certa ocasião, após uma interpretação que me parecera particularmente feliz de um estilista de renome, o meu colega de cabina fez questão de, com espírito construtivo, durante o intervalo, em público, junto da roda de outros colegas que estavam a trabalhar nesse evento, alegar que, durante a minha interpretação PT\_EN eu tinha interpretado um determinado termo técnico com menor acuidade do que a que ele utilizaria: «cold wool» para a palavra «lã fria», quando deveria ser «soft wool», na sua veemente opinião. Curioso, procurei o mesmo estilista e solicitei-lhe, em privado, qual era, no seu entender a tradução para o termo em questão. Sem hesitações, o orador respondeu: «cool wool». E enriqueci o meu glossário.

Cada intérprete, em particular se for de nacionalidade portuguesa penso ter tendência a ser uma ilha, crendo bastar-se a si mesmo. A cabina de tradução é um pequeno micro-cosmos, transformado em colmeia.

São raros também os clientes que facultam discursos e outras apresentações. À luz de uma constatação pragmática, os intérpretes são tomados *a priori* como linguisticamente sabedores e é um procedimento habitual realizar uma pesquisa aprofundada prévia de cálculo de probabilidades de ocorrência de termos específicos, a partir do momento em que apenas nos seja facultada o tema em questão ou a ordem de trabalhos – frequentemente os únicos documentos colocados à disposição.

Num país africano de língua oficial portuguesa, quando me abeirei de um responsável no sentido de porventura poder obter alguns discursos para uma determinada cerimónia fui tratado como colonizado, no sentido pejorativo do termo, como se não estivesse a tentar servi-lo melhor.

As surpresas podem surgir quando menos se espera. Numa dada reunião internacional, na noite de véspera do segundo dia, fora-nos enviado o denso e exaustivo discurso de um dos dignitários, com cerca de trinta páginas. Na manhã seguinte, minutos antes de intervir oficialmente, este aproximou-se da nossa equipa, desdobrando-se em atenções e, perante os nossos agradecimentos, recordou ter muita experiência em lidar com intérpretes no Parlamento Europeu, de modo que muito nos admirava e achava que era elementar facultar as comunicações escritas o mais cedo possível, para garantir a comunicação com os demais presentes e facilitar a transmissão da mensagem. Passados 5 minutos, cedeu à tentação e improvisou a uma velocidade do tamanho do seu ego – algo bastante comum.

Constituem também ossos do ofício surgirem determinadas palavras-chave apenas nos minutos que antecedem imediatamente o evento. Recordo-me da palavra «furnace» (fornalha, em PT) que aprendi momentos antes de se iniciar um congresso sobre metalurgia em que não foi fornecido qualquer documento. Noutras ocasiões, são facilitadas apenas durante a ocorrência. A nossa formação

nunca termina e é aconselhável ler e ouvir muito as línguas de trabalho, com curiosidade incessante.

Uma vez, em tribunal, tive a incumbência de interpretar uma individualidade, cujos antecedentes e contexto ignorava. Apenas sabia o contexto profissional de carácter geral da empresa que me solicitara serviços de interpretação consecutiva e sussurrada.

Na sala de espera, descobri que era de nacionalidade chinesa, com sotaque peculiar e foi muito apropriado termos trocado algumas palavras antes, para que me ambientasse à música do seu discurso do dizer, bem como do seu estado emocional e de algum do conteúdo em questão. Sentia-se vexado por ter perdido a face, ao ser obrigado a deslocar-se a tribunal, pela primeira vez na sua vida. «Nem na China alguma vez me aconteceu isto!», desabafou. Era também a minha vez primeira.

Quando se iniciou a audiência, já não me causava estranheza a organização verbal do TP oral, detinha palavras-chave que iriam ser afloradas – algumas coincidentes com o resultado da pesquisa realizada no dia anterior para o efeito – e encontrava-me em sintonia com o tom de voz do meu interlocutor. Permito-me aqui citar Ricouer (2013: 106) e fazer um paralelo com esta situação, quando, na sua obra que analisa o discurso e o excesso de significação, refere o seguinte:

«O texto é como uma partitura musical e o leitor como o maestro que segue as instruções da notação. Por conseguinte, compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objectivou.»

A televisão e a Internet estão à nossa disposição para, em casa, simularmos mentalmente a simultaneidade da nossa interpretação. É o caso do visionamento dos vários discursos dos deputados do Parlamento Europeu ou de individualidades, evidenciando ou não dificuldades discursivas, que nunca tenhamos interpretado e que saibamos de antemão ter de o fazer a breve trecho.

Por exemplo, ao ver um filme de expressão inglesa no cinema, também podem enriquecer-se glossários com muitas expressões locais decifradas pelos colegas da legendagem, o que me leva, por vezes, a tomar algumas notas no telemóvel. No campo da escrita, pessoalmente, recomendo a leitura da língua inglesa na revista *The Economist*.

Torna-se igualmente conveniente, no final de cada trabalho, no recesso do lar, actualizarem-se glossários, bem como tomar notas consideradas úteis para futuros eventos alusivos ao mesmo tema ou para o mesmo acontecimento no ano seguinte.

**o)** Trazer água potável e não só é uma questão de ordem prática. Verdadeiro combustível do intérprete, embora seja uma incumbência do cliente facultá-la, recomendo que se traga sempre na pasta numa pequena garrafa, na eventualidade de esse apoio falhar. Aconselho também algo para saciar a fome ocasional, caso haja instruções para que os intérpretes não frequentem a sala de refeições, durante o intervalo. Para além do conhecimento da localização exacta dos lavabos, constituem necessidades básicas. Ser independente, dentro do possível, parece-me ser a palavra de ordem.

Não tendo sido prevenidos do contrário, recorde-me de um congresso médico onde o cliente se mostrou muito agastado com a equipa de intérpretes por nos termos saciado, em conjunto com todos os convidados, durante o intervalo. Embora não seja frequente, a qualquer momento pode aparecer alguém com uma perturbação do foro psicológico que nos relembre a almejada invisibilidade.

**p)** Prestar atenção à indumentária é igualmente aconselhável. Na minha modesta opinião, numa sociedade robótica e numa sociedade perfeita ou ideal, que privilegiasse um fundo que nunca saísse beliscado pela forma, seria irrelevante. No mundo real, mais vale prevenir que remediar, logo, penso não ser desassinado afirmar a vantagem de ser simples, limpa, sóbria, confortável e elegante – sem ser necessariamente sisuda –, gerando menos animosidade humana, sem dar muito trabalho.

O conforto deve ser tido em conta, se possível “em casca de cebola”: convém estarmos preparados e levar um casaco ou camisola para situações de frio intenso, quando os aparelhos de ar condicionado da cabina de tradução estiverem em potência elevada ininterrupta. Se estiver calor, basta retirá-los.

Mais fácil de obter para os homens do que para as mulheres, a apresentação conferirá protecção contra os preconceitos à flor da pele, em momentos de tensão elevada. Caso se deseje espelhar uma personalidade ou uma atitude política, com dignidade, através da roupa, arcando com as consequências com galhardia, considero que será, também, uma opção respeitável. Estamos adjudicados para privilegiar línguas e servir um cliente o melhor que pudermos, sem perdermos a personalidade e o respeito que nos é devido, mas conheço quem tenha perdido trabalhos por causa de excesso de personalidade na indumentária.

**q)** Aprender a lidar com a pressão é algo que apenas se ultrapassa enfrentando a fonte da mesma, como é sabido desde tempos imemoriais. Ter medo de trabalhar no fio da navalha é desejável: aumenta a responsabilidade para atingir uma preparação contra todas as probabilidades de insucesso, até ao último minuto.

Lembro-me de ficar subitamente indisposto nos momentos imediatamente prévios aos primeiros desempenhos. Com o tempo, cessou e restou a rotina da curiosidade mórbida perante todos os pormenores que tenham a ver, mesmo que

remotamente, com o assunto em questão, antes da entrada em cena. E tudo parecerá sempre pouco. Convém conseguir tudo seriamente, sem nos levarmos demasiado a sério. De igual modo, apesar de sermos imediatistas por natureza, importa sermos capazes de refrear alguns ímpetos. Concorro com Iolanda Ramos (cf. 2011: 430), quando, no âmbito dos Estudos Interculturais, refere que a acuidade de uma interpretação não se limita a uma mera mudança, havendo necessidade de realizar ajustamentos pragmáticos, sem subestimar a competência profissional no desempenho do serviço de interpretariado.

Por outro lado, os melhores intérpretes podem falhar ou fraquejar, inadvertidamente. São apenas humanos. No início da minha carreira tive o prazer de partilhar a cabina com um colega de elevado mérito e atributos académicos que, de repente, no início de um dia de trabalho bloqueou e me passou a responsabilidade de prosseguir até ao final do evento. Pode suceder com qualquer um de nós. Naquela ocasião, estávamos sob escuta da entidade empregadora, do nosso ramo, que aparentou ser bastante solidária. Nunca mais me encontrei com o colega em circunstância profissionais.

Tal como comecei por aflorar atrás, as mesmas organizações tendem a repetir reuniões do mesmo foro, ano após ano, com uma certa fidelização aos intérpretes. Vem a propósito recordar o final do dia do segundo ano consecutivo de um evento nestas condições, num ambiente particularmente sofisticado, com discussões anualmente acaloradas, próximas do pugilato iminente.

Organizado por uma cliente particularmente exigente, naquela ocasião esta afirmava que eu tinha incorrido no alegado erro de palmatória de não ter traduzido a tempo a palavra «refurbishment» do TP oral, a propósito da «remodelação» a que um hotel tinha sido sujeito. Nesse dia, em que as várias comunicações tinham sido enviadas na madrugada anterior, a cabina não tinha boa ventilação, o som era deficiente e fora interrompido várias vezes, o colega de cabina quase desmaiara, a audiência e a mesa eram frequentemente hostis, perscutando qualquer deslize que lhes servisse de bode expiatório para as suas frustrações, falando a um ritmo inusitadamente acelerado; e eu próprio acusando falta de sono por ter estado a estudar documentos importantes, tardiamente cedidos; a cliente mostrou-se desagradada.

Na nossa mesma prestação do ano anterior, queixara-se da equipa dos anos transactos e fôramos altamente elogiados, com direito a ovação ampla sugerida pela mesma cliente que fizera questão de nos repetir o convite, depois de garantir com veemência que eu era da Scotland Yard.

**r)** O cliente ter sempre razão é um facto prático, salvo imperativos de consciência que nos assistem, à luz dos princípios éticos e deontológicos a que qualquer intérprete está obrigado entre os seus pares. O poder de intérpretes e clientes não é absoluto.



s) Aceitar a adjudicação de todos os convites, sem limites em relação às matérias abordadas? Embora, no caso das línguas lidas pelo signatário, as gramáticas inglesa e portuguesa mudem pouco ao longo dos anos, somente imperativos de consciência poderão obstar à aceitação de determinada incumbência interpretativa, caso seja de um foro totalmente fora da alçada das habilitações do intérprete, tendo em conta a sua experiência nos assuntos em questão – embora a primeira vez para algo tenha sempre de acontecer, sob pena de estar vedada a tão desejada experiência. Cada caso é um caso a ponderar.

O bom senso terá de imperar. O facto é que o intérprete tem de estar sempre habilitado a justificar a utilização de qualquer palavra ou expressão, tal como terá de reconhecer a língua inglesa e portuguesa no sotaque de qualquer orador, tarefa em si mesma também de monta considerável, em particular se o orador estiver alcoolizado. Numa profissão onde se anda no fio da navalha, apenas a experiência regular passada ou uma entidade empregadora solícita no âmbito em questão lhe poderão fornecer anti-corpos para alargar os horizontes.

t) Exercer pedagogia na remuneração, factor nada despiciendo, tem sido alvo de polémica justificada pelo facto de o mercado ser livre, com a consequente possibilidade por parte de alguns profissionais em admitirem auferir tarifas bastante mais baixas do que as recomendadas pelas suas associações profissionais – o chamado *dumping*.

Embora compreensíveis em cenários de crise, quando a questão de sobrevivência aperta, não contribuem para a dignificação dos profissionais do ramo, nem para a pedagogia desejada, exercida com diplomacia, com vista a uma remuneração justa a médio e a longo prazo nesse sentido, junto das entidades empregadoras. Estas tendem a encarar a presente actividade em análise como uma mera tramitação negocial em que o preço mais baixo a pagar é o fim em vista, em particular em época de cortes, em detrimento do respeito devido aos intérpretes de conferência para servirem melhor a língua em questão.

u) Ser líder é uma atribuição que se pode aprender, no caso de quem não o for naturalmente e pode ser requerida pelo cliente, quando menos se espera. Um intérprete *freelancer* pode ser levado a crer, dentro do salutar objectivo de invisibilidade – no sentido de haver concentração total para verbalizar uma tradução fluida e inconspícua, a par do orador, a cuja mensagem pretendemos ser fiéis – que jamais lhe pedirão que organize o que quer que seja no evento, em particular, em cima da hora, mas tal pode ocorrer se surgirem dificuldades de ordem estrutural.

Por exemplo, em caso de opção repentina por interpretação consecutiva ou sussurrada, em face do número de destinatários presentes, ou de avaria no equipamento de som, em alternativa à interpretação simultânea. Numa ocasião, acabados de chegar de Lisboa, num hotel de um país na costa do Golfo Pérsico,

o cliente aproximou-se da nossa equipa e das restantes, pedindo socorro: «Vocês é que são os profissionais. Resolvam!».

Havia um jogo de duas cabinas de tradução, para receber quatro intérpretes, com *relay*, mas seis profissionais para esse efeito, provenientes de Portugal, Espanha e França. Dois ficariam sem direito a cabina pois faltava uma. Naquele momento, os dois franceses foram, de imediato, sentar-se na cabina que decidiram ser sua, por direito. Os restantes ficaram a observar as possibilidades.

Enquanto eu me apercebia da qualidade deficiente das cabinas, naquela sala feérica, o meu colega descobrira que havia apenas três franceses na audiência. Assim, propusemos ao cliente que os dois colegas franceses se posicionassem entre estes últimos e realizassem interpretação sussurrada, enquanto os restantes colegas fariam simultânea. E a Península Ibérica assumiu os seus postos. Durante o seu exercício, a parede interposta entre as duas cabinas caiu. Depois do almoço, voltaria a tornar-se estanque.

v) Manter a confidencialidade, conforme mandam as regras mais elementares; excepto, em teoria, por motivos de força maior, de vinculação legal, devidamente sopesados e que nunca se verificaram até ao momento presente com o autor destas linhas; pese embora, por exemplo, o caso de uma colega melindrada com o assédio sexual de que tinha sido alvo através de palavras explícitas por parte de uma individualidade, em pleno intervalo de um evento, sem que tivesse desejado apresentar queixa, com receio de repercussões a nível profissional.

A narrativa de situações passadas, após alguns anos de sedimentação de ocorrências, considerada útil do ponto de vista histórico, foi levada a cabo por Pavel Palazchenko, intérprete soviético de Gorbatchov e Shevardnaze, nas suas memórias, onde expôs algumas das situações mais problemáticas por que passou no exercício das suas funções – «excepto a abordagem de segredos de Estado ou intimidades», conforme avisou na introdução da sua obra.

A confidencialidade é indispensável e, por isso, tudo o que aqui relato não permite a identificação dos visados para além do signatário. Pretende-se apenas explicitar o ambiente dos vários cenários testemunhados em contexto profissional, com vista a uma melhor prestação do serviço de interpretariado.

### 1.1.2 Qualidade em interpretação

Em relação a todos os tipos de interpretação, a distinção entre uma boa e outra de qualidade não satisfatória depende de apreciação e avaliação – algo complexo à partida. Os utilizadores que dependam da interpretação de um discurso não

conseguem, habitualmente, julgar se foi exactamente aquilo que o orador dissera.

Num ambiente assimétrico, os clientes leigos encontram-se numa posição mais fraca do que o especialista com quem têm de interagir e, se não ficarem satisfeitos com o resultado do discurso, podem bem responsabilizar o intérprete. Tanto os avaliadores que ensinam ou que testem estudantes, como os potenciais empregadores e recrutadores que seleccionem candidatos, todos querem certificar-se de que o trabalho do candidato se encontra em conformidade com requisitos de qualidade, os quais podem ser distintos em contextos diferentes. Os investigadores de dentro ou de fora da disciplina, quando analisam dados empíricos de um *corpus*, avaliam o desempenho do intérprete na medida do seu esforço para aplicar critérios objectivos.

No século XXI, de acordo com Gile (2009: 55) um dos aspectos da interpretação de conferência que tem sido alvo de atenção crescente é a mensuração da respectiva qualidade, um campo em que se realizaram a maior parte dos estudos empíricos, mas, conforme opina o mesmo autor:

«These studies are problematic in so far as the users' discourse about quality components may overstate the importance of content and underrate the importance of form».

Além desta apreciação acresce o facto de os problemas residirem na situação em que os intérpretes são colocados e não na tradução em si.

Conforme refere Matos (2013:15), «existem cerca de 130 associações de tradutores e intérpretes na União Europeia». Esta autora refere que, no seu entender «um cliente não pode determinar a qualidade do tradutor e da respectiva tradução», ressaltando haver «no entanto, um conjunto de mecanismos que podem ajudar a indicar a qualidade de um tradutor: a empresa, caso o tradutor trabalhe para uma, o facto de pertencer a uma associação ou sindicato de tradutores, ou a instituição académica de onde provém. O mesmo se aplica aos intérpretes.» Remeto para esta investigação no campo do Direito, o pilar de qualquer organização (16).

Compreendo a posição acima, mas permito-me discordar um pouco em relação à falta de qualificação absoluta do cliente para aquilatar da qualidade de uma tradução – ou interpretação. No caso da interpretação, a obtenção de resultados positivos repercute-se na cronicidade de adjudicações da mesma equipa de interpretação, nos eventos dos anos seguintes liderados pela mesma entidade. E há algumas ocasiões em que o cliente é tradutor.

E em Portugal? No mesmo trabalho (2013:40), salienta-se uma afirmação de um técnico da Polícia Judiciária:

«...não há um critério específico para seleccionar os tradutores/intérpretes. Poderão ser indicados por diversos meios, ou até apresentar-se pessoalmente e entregarem um curriculum. Denoto a existência de uma cooperação entre alguns organismos ligados à Justiça (entre os quais alguns tribunais) no sentido de recomendarem uns aos outros tradutores/intérpretes que considerem fidedignos.»

Citada pela mesma autora supra, esta individualidade afirma ainda o seguinte:

«...alguns tribunais procuram dar preferência a pessoas licenciadas nas áreas das línguas. Contudo, tal não é condição imprescindível para trabalhar como intérprete ou tradutor.»

Se a qualidade tiver significados diferentes para pessoas diferentes, torna-se impossível definir os critérios universais a que cada interpretação com qualidade deva obedecer. Após remeter esta questão para Pöchhacker, Sylvia Kalina (2002:124) refere:

«...caution is needed in any claim to define objective criteria for interpreting quality. Even in translation, which involves far fewer volatile factors and allows hard facts to be established much more easily than in interpreting, total objectivity is not possible».

Ricouer (2013: 112) sublinha «ser sempre possível argumentar a favor ou contra uma interpretação, confrontar interpretações, arbitrar entre elas e procurar um acordo, mesmo que este acordo fique além do nosso interesse imediato.»

Adicionalmente, na minha opinião, ser-se nativo de uma língua está longe de ser condição necessária e suficiente para se ser, na prática, intérprete mais próximo da tradução integral para essa mesma língua – ou seja, para poder ter essa língua activa, reconhecida pelos seus pares – nos momentos de maior pressão. Para mim, o raciocínio deveria ser exactamente o inverso.

No meu entender, um intérprete nativo de uma língua possui tendência acrescida para estar imbuído da maior acuidade para a compreensão do sentido mais profundo do discurso de um orador nessa mesma língua. Tenho para mim que um intérprete português terá sempre maior probabilidade de compreender o que diga um seu compatriota, por exemplo – considerando que todas as outras variáveis garantidas pela equipa estejam garantidas. E o mesmo se aplica aos outros nativos. Saberá assim quais as palavras mais adequadas a utilizar na língua de chegada.

Para mim, instado a avaliar um desempenho em interpretariado, o mais importante reside em ter a máxima acuidade no reconhecimento imediato da língua de partida – assumindo que o nível da língua de partida e de chegada do executante sejam muito elevados e atestados em conformidade por instituições de reputação incontestada.

A partir do reconhecimento do âmago de um discurso de partida, o intérprete irá ter a liberdade de que necessita para usar o léxico que achar mais adequado da sua bagagem cultural, nas suas múltiplas alternativas, para a língua de chegada. É uma discussão que permanece em aberto.

Quando Jones (2002: 12) salienta que «the interpreter cannot be expected to be a walking multilingual dictionary-cum-encyclopaedia and has a perfect right not to know certain things», concordo igualmente quando complementa que «arguing that interpreting is possible without knowing all the words should not be distorted into the argument that an interpreter does not need to know their passive language.»

Por outro lado, há intérpretes lusos que desconhecem determinados termos portugueses e intérpretes ingleses que desconhecem o significado de outros termos em língua inglesa. Recordo um colega britânico, com PT como língua Activa (ou seja, interpretava também de EN para PT) que ignorava como traduzir a expressão «a dotted line» num gráfico e mo perguntou, em plena interpretação – uma atitude extremamente correcta pois denotou vontade verdadeira de aprender e servir melhor.

Ou seja, valorizo muito mais o estudo desenvolvido durante anos sobre qualquer língua do que a nacionalidade do berço em que se nasceu. Nos momentos de maior pressão, em que o/a orador/a decidam abordar um tema/palavra nos antípodas do que estiver a ser relatado, os mecanismos da nossa memória de tradução tendem a surpreender-nos com palavras que julgávamos enterradas, mas que apenas pareciam aguardar uma oportunidade para nos serem úteis, desde o momento em que tinham sido descobertas, por vezes muitos anos antes – o que é válido para nativos e não nativos da língua que estiver em apreço, na minha opinião.

Neste âmbito, recordo o conforto de ver surgir a tempo pela minha boca a palavra *threshold* na interpretação simultânea PT\_EN do TP oral de um juiz que, fora do contexto em jogo, falou em «limiar», numa reunião entre parceiros europeus. Naquela ocasião, durante fracções de segundo, recuei ao tempo em que estudei medicina e onde aquela palavra aparecia com frequência, remetendo-me ao «limiar de excitação dos músculos», no início da minha formação.

Noutra ocasião, também como intérprete consecutivo PT\_EN, num congresso sobre drogas e toxicodependentes, recordo um orador que surpreendera convidados estrangeiros, ao privilegiar a sua longa pergunta/comentário com os seus conhecimentos da Antiguidade Clássica, sem nunca referir nada do contexto em causa, remetendo a minha memória de tradução para os tempos do ensino secundário.

Como intérpretes, cada um tem o seu caminho e tudo o que fazemos num determinado momento presente reflectirá toda a formação precedente. Tenho

para mim que cada intérprete se preparou toda uma vida para o seu momento seguinte de interpretação, independentemente do berço do país onde nasça.

#### 1.1.2.1 Interpretação Consecutiva / Simultânea

Conforme refere Kalina (cf. 2002: 122), provavelmente devido ao facto de a interpretação consecutiva ser alvo de muito menor procura do que a simultânea, há poucos estudos sobre a primeira. No entanto, é na primeira situação que o intérprete é chamado a intervir por excelência como guardião e que, em sentido lato, a qualidade refere-se à fiabilidade, obediência aos princípios éticos profissionais, empatia e fidedignidade.

As expectativas relativas à qualidade dos intérpretes dependerão do meio em que este intervir. Por exemplo, se ocorrer num ambiente jurídico, espera-se que seja literal; em oposição ao ambiente comunitário onde o intérprete assume um papel mais ativo e age como mediador.

É o treino em interpretação consecutiva que melhor prepara os iniciados para a interpretação simultânea. E, em bom rigor, toda a interpretação, mesmo a simultânea, é consecutiva. Poderá ainda ser sussurrada (*chuchôtage*, como se diz na gíria) ou não.

Durante a denominada interpretação simultânea, qualquer profissional almeja a utopia de conciliar o aparentemente irreconciliável: um TC oral fiel e sem trações ao TP oral, mas imbuído de alguma autoria do intérprete para, num tempo reduzido, manter o sentido original delineado pelo orador. Delinear estas fronteiras suscita discussão.

Diriker (2009: 57) refere que o primeiro estudo que abordou a aplicação real de interpretação simultânea em contexto foi realizado por Franz Pöchhacker em 1994, durante uma conferência com a duração de três dias, onde transcreveu as gravações dos discursos originais e respectivas interpretações. Acrescenta, também que outros estudiosos, como Kalina e Setton prosseguiram na mesma senda e com objectivos diferentes de análise. Este último estudou a forma como os significados se processam cognitivamente, em contexto de interpretação de conferência. Têm-se aberto novas possibilidades de pesquisa em várias áreas polémicas (58).

Na interpretação consecutiva (menos onerosa para o cliente do que a simultânea), é suposto esperarmos que o orador termine de falar durante o tempo que este entender, conforme a norma defendida por Jones (2002: 5):

«...a conference interpreter should be able to cope with speeches of any length; they should develop the techniques, including note-taking, to enable them to do so. In practice, if an interpreter can do a five-minute

speech satisfactorily, they should be able to deal with any length of speech.»

Ora, é muito mais ‘fácil’ domar um intérprete do que um orador – o nosso ganha-pão. A moldura e o tom que o orador, do alto da sua sapiência, estipula para a sua exposição é pesada e sopesada como tendo consciência de ter direito a ser protagonista da acção, com a convicção e estilização de todo um enquadramento de conteúdos da maior importância elaborado com esmero – por escrito ou de improviso. Senão, faria um simples resumo: aquele que se espera que façamos como profissionais, sem nada omitir.

Com consciência de toda a parcialidade do que venho por este meio reportar, em seguida, permito-me salientar que obtive os melhores resultados em interpretação consecutiva em sentido estrito, com a concordância do cliente, quando optei por liderar esse processo no sentido de traduzir ou retroverter, imediatamente nos intervalos em que orador respirasse (ou seja, nas vírgulas do seu TP oral), com delicadeza, em vez de deixar que este se alongasse se o desejasse, eventualmente durante longos e intermináveis minutos, conforme é recomendado pela ortodoxia do interpretariado.

Adicionalmente, permito-me acrescentar que, em caso de ausência de microfones ou de eventual avaria dos mesmos, é naturalmente recomendável a projecção de voz para a pessoa mais afastada da audiência. Sublinho, igualmente, a vantagem de o intérprete usar um tom mais grave, se o tom do orador for mais agudo e um tom mais agudo, se o tom do orador for mais grave, de modo a que tudo seja de ainda mais fácil detecção por parte dos espectadores, durante a exposição. Funciona.

É uma escolha entre dois procedimentos respeitáveis, ambos com argumentos interessantes e anacronismos.

Na tradução escrita, os textos devem descansar e ser enviados a colegas para revisão. Nestas circunstâncias, na minha controversa opinião, há toda a vantagem em servir o fundo em detrimento da forma – sem que os oradores interrompam o seu raciocínio ou sintam fundados receios, uma vez que estes é que são os especialistas daquelas matérias, com autoridade para as enunciarem do modo que decidiram ser o melhor, sem nunca desejar qualquer alteração *ipsis verbis* na forma, no fundo e no tom. Como fazer para agir no sentido desta perfeição tradutória, um desígnio sabido utópico?

Agindo frase a frase, intervindo o intérprete sempre que o orador se permitir respirar, zelando assim para que não se perca o fio à meada. Para mim, apenas desta forma, o intérprete consecutivo ficará mais próximo da desejada invisibilidade e fidelidade ao TP oral do orador, como se fosse uma parte da sua pele. Mais humano e menos robotizado. Mais natural.

Memorizar e decorar discursos extensos é mais artificial e está mais próximo de um procedimento censório do que fazê-lo entre as respirações do orador, no meu entender. Sim, aparentemente, facilita o dever do intérprete.

Será conveniente uma conversa curta, prévia com o orador, recomendando-lhe apenas que respire bem, enquanto completar os seus raciocínios e que se concentre apenas no seu discurso. Nunca isenta de defeitos, a interpretação fluirá mais próxima do original, no meu entender.

Deste modo, discordo da corrente interpretativa que obriga o intérprete a aguardar estoicamente de forma forçada que o interlocutor termine os seus longos minutos de oralidade, transportando para o primeiro o ónus de, eventualmente, omitir algum pormenor importante, obrigando a uma síntese, que é sempre redutora em relação ao original, ao contrário da postura que defendi acima, mais próxima do mesmo. Longe de constituir uma descoberta, é, para mim, uma constatação pragmática com maior probabilidade de satisfação de todas as partes.

Concordo com as vantagens do supracitado procedimento mais ortodoxo a título meramente académico, como treino, na formação do intérprete, para aumentar a acuidade do seu desempenho. Como docente, conheço as vantagens de trabalhar para atingir o valor 100 para, no final, saber 50.

Vale a pena ensinar denodadamente, explorando as fronteiras e esticando a exigência até situações limite. É um treino salutar para todas as profissões. Mas não creio na obrigatoriedade de dificultar a vida real, em detrimento da instabilidade gerada junto dos clientes, quase sempre receosos que o intérprete opte por alterar algo do fundo da sua mensagem, ao resumir, ou modificar a forma original. Por vezes, até há na audiência quem se divirta a adivinhar quando é que o intérprete irá falhar algum pormenor.

Matias (2004: 164), como pedagoga, assinala que ensina a «interpretação consecutiva, com interrupção do orador de modo a que o intérprete tenha possibilidade de reconstruir segmento a segmento o discurso numa língua diferente.»

A alternativa de uma aparente facilidade com textos mais curtos no TP gera uma menor dificuldade em insinuar o texto entre respirações, quando o orador se entusiasma, por exemplo, com extensas notas de rodapé – algo muito habitual. Porque teria de ser ainda mais difícil por excelência? Pergunte-se ao orador o que prefere na entrega da carta a Garcia, neste processo tradutório: um resumo criterioso com a duração de alguns minutos que avalia o que é prioritário ou uma ‘colagem’ à sua pele igualmente criteriosa que não lhe quebre o raciocínio e lhe permita prosseguir, sem longas interrupções, numa voz compatível?



Parece-me que o investimento futuro deveria consistir em aprimorar cada vez mais o treino do intérprete para que este se aproxime cada vez mais da segunda pele do orador, sem lhe quebrar o fio condutor do curso do dizer. Em suma, aproximar o mais possível a interpretação consecutiva da interpretação simultânea. Como se duas pessoas estivessem a falar quase em simultâneo, em público. Sem nunca se atropelarem. Porque uma delas é um profissional da comunicação e a outra raramente o é.

## II - Globalização

Ghorra-Gobin (2006: 282) defende que a globalização é «uma fase da mundialização caracterizada pela capacidade que os indivíduos e as organizações têm de transferir informação, de interagir e de coordenar as suas acções em tempo real, em qualquer lugar do planeta». É um termo igualmente utilizado para descrever o processo de interligação crescente das economias e das sociedades, resultante do recente desenvolvimento das tecnologias de informação, da comunicação e dos transportes.

Este anglicismo, muitas vezes utilizado em francês em vez do termo mundialização, que é raramente utilizado em inglês (EN), refere-se ao aparecimento de espaços globais, em sintonia com a estratégia global dos intervenientes.

Os governos tiveram de considerar a entrada em força de novos intervenientes globais – empresas ou organizações não governamentais. Tal como assinala Diriker (2009: 56), a partir da II Guerra Mundial, o encontro exponencial de encontros internacionais levou ao aumento considerável de interpretação simultânea.

A globalização afecta tanto os países desenvolvidos como os países em desenvolvimento – a diferentes níveis – e traduz-se pela especialização acrescida das economias, pelo aumento dos fluxos de pessoas e bens e pela integração crescente dos mercados financeiros. Gorra-Gobin (2006: 282) argumenta que se, por um lado, a globalização criou novas oportunidades de enriquecimento para sectores e domínios importantes das sociedades, por outro, também afectou negativamente ou marginalizou outros tantos, incluindo intervenientes políticos e sociais.

Para Bauman (cf. 1999: 69), esta alegada nova rede de comunicação à escala planetária veio, afinal, sublinhar uma estreita selectividade que dá acesso a um número reduzido – e cada vez menor – de pessoas.

Iniciou-se em meados do decénio de 1980 e conheceu uma nítida aceleração em meados do decénio de 1990. Está intimamente ligada às diferentes «rondas» de negociações internacionais que visam a liberalização do comércio de bens e de serviços e que levaram à desregulamentação de muitos sectores que vêm o direito de concorrência ocupar paulatinamente o lugar das regulamentações específicas que lhe eram aplicadas (transportes, telecomunicações, energias) e a privatização de muitas empresas que antes se encontravam monopolizadas.

Neste enquadramento, revela-se indispensável o retrato canónico desta realidade efectuado por Cronin (cf. 2003: 42-76), que interpretei como podendo ser delineado pelas duas seguintes correntes argumentativas:

## 2.1 Argumentos conformistas

- 1- Por terem capacidade de intervenção mundial, apenas os americanos podem ser mentores e polícias do mundo, imbuídos que estão de um sentido de missão para se envolverem e para advogarem políticas culturais benignas e globais. Não pode haver pensamento global sem americanização.
- 2- A soberania económica faz com que, sempre que um estado implemente maior carga fiscal para financiar o sector público (por exemplo na saúde e educação), os investidores se desloquem para sistemas fiscais mais atraentes.
- 3- Nesta nova Babel, existe o desejo de compreensão mútua e a tradução é inevitável, sendo a diversidade linguística um obstáculo, por ser mais vantajoso falar em EN. A localização é muitas vezes encarada como mera obrigação.
- 4- A tradução automática vai responder as exigências da procura crescente e das enormes pressões, onde qualquer pessoa pode ser «tradutor», desvalorizando-se esta última profissão.
- 5- Devido à existência de muitos meios e à falta de clareza dos fins em questão, as perguntas mais frequentes são: «Para quê traduzir?», «Porque não falamos todos a mesma língua?».
- 6- O tradutor é frequentemente mal visto e conotado com infidelidade à essência do TP.
- 7- A globalização e a utilização de EN são factos iniludíveis.

## 2.2 Argumentos inconformistas

- 1- O comboio da globalização gerou resistências e a visão optimista neoliberal das indústrias de tradução não é universalmente partilhada.
- 2- Existem desigualdades em termos da má distribuição de recursos no planeta, em que poucas pessoas têm ainda acesso a um computador e os chineses se oferecem para trabalhar sem auferirem remuneração, apenas para acederem aos mercados.
- 3- Há uma crise cultural e a globalização está mascarada de pluralismo cultural. Existe complexidade e variedade mas também uma centralização implícita.
- 4- A americanização não é mais do que um *melting pot* que implica expansionismo imperial, a quem todos são instados a prestar vassalagem.
- 5- Os tradutores podem resistir a esta sedução irreversível, num momento de crise do Estado-Nação.
- 6- A retórica anti-proteccionista esconde a relação com o estado de desenvolvimento para implantar um projecto nacionalista.
- 7- Os progressos das tecnologias de informação nos Estados Unidos da América advêm de fundos provenientes do Departamento de Defesa.
- 8- Estimulados por governos e multinacionais, os países que apenas dependem da benevolência das operações de mercado ficam dependentes dos fluxos financeiros e das várias formas de tecnologia.

- 9- A União Europeia, à excepção do sector dos filmes e da televisão, continua a alocar somas diminutas para os assuntos culturais no seu orçamento, privilegiando o sector dos negócios.
- 10- Esta nova realidade macroscópica torna o Homem uma mera célula reprodutora de genes com um sistema nervoso feito de redes de informação.
- 11- Há uma abdicação da responsabilidade crítica, sem beneficiários económicos ou políticos. Sem liberdade para determinar o futuro, com nostalgia da torre de Babel, onde todos trabalhariam numa única língua.
- 12- A globalização é a última das utopias e, apesar de estarmos longe de uma globalização política, pois nunca existiram tantos países, estamos cada vez mais perto de uma globalização cultural, onde é destruída a diversidade linguística.
- 13- A maior parte das traduções que se fazem não são para EN e a maioria destas são realizadas por falantes de países não anglófonos.
- 14- Há uma sobrevalorização do EN – mais TP do que língua alvo.
- 15- Ignora-se a existência de multilinguismo na União Europeia.
- 16- O maniqueísmo da tradução literária *versus* tradução técnica é, respectivamente, substituído pelo da tradução *versus* localização.
- 17- Os tradutores e intérpretes têm mais problemas com a situação em que os colocam do que com a tradução em si.
- 18- Há demasiada informação e de muita má qualidade. Há muitos meios, mas os fins são difusos.
- 19- Neste planeta linguístico com cerca de seis mil línguas orais, estima-se que, até ao final do séc. XXI, se irão extinguir 90%.

Penso que a prática de tradução e/ou interpretação representam uma fusão entre as duas visões supracitadas. O seu sedimento é a nossa bagagem cultural somada à nossa idiossincrasia, numa mediação também imbuída de neutralidade colaborante.

O movimento centrífugo das operações tradutórias passou a estar compensado pelo movimento centrípeto ao nível do poder económico e do poder supervisor, à escala global.

Em suma, a burocracia que se exercia no sentido vertical levou a um desenvolvimento horizontal nos sectores empresariais mais dinâmicos e este paradigma encontrou assim expressão na economia, nas finanças, nas ciências da vida e também na tradução e interpretação – onde conduziu a uma ponderação acrescida.

A qualquer momento, dentro ou fora da cabina de interpretação, qualquer tradutor ou intérprete dispõe de fóruns *online* onde coloca dúvidas entre os seus pares, acedendo a um contacto instantâneo apenas tornado possível pela existência das redes dos sistemas de informação.

Por outro lado, se é verdade que o inglês se tornou língua franca, a experiência dita-nos que a intervenção de intérpretes com inglês activo aumenta a acuidade da comunicação nessa língua, corroborado por resultados de estudos divulgados nesse sentido por Pöchhacker, numa entrevista em Junho de 2013, disponível na Internet, onde assinala

igualmente as condições difíceis em que muitos intérpretes são ainda obrigados a trabalhar.

Os intérpretes portugueses têm a possibilidade de se candidatar à Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência ou à Associação Internacional de Intérpretes de Conferência. São sistemas virados para o interior e para o exterior. Exercem o papel de guardião (decidindo quem tem direito a entrar) e de conector (para decidir as conexões com as agências e a localização de clientes).

Trabalhar em rede significou, afinal, aumentar a memória e a capacidade de processamento, levando a uma partilha de conteúdos em páginas da Internet, entre membros de grupos interessados, consequente de uma necessidade gerada pela era da globalização, a qual, ao implicar uma competição mundial, exige informações localizadas por parte dos mercados. O poder da rede é maior do que o de cada um dos seus componentes, o que confere consistência ao todo, com o seu sistema reticular.

### III – Percurso Individual

Uma das perguntas que mais me intriga no percurso dos intérpretes de conferência é saber quando é que tiveram de ‘domar’ as respectivas supra-renais. Salvaguardados os aspectos determinantes do foro privado, como aprenderam a lidar com situações de tensão emocional? Que estímulos é que os formataram? Porque há experiências educativas e profissionais mais determinantes que outras para criar resistência, convicções e acordar dotes linguísticos.

Aproveitar esta oportunidade de uma vida para falar de nós mesmos significa pisar gelo fino pois o juízo é necessariamente parcial e corre-se o risco de enumerar lugares comuns.

Demorei a crescer e a conhecer-me.

Para além da influência da televisão e do cinema, com as suas séries e filmes não dobrados, em língua inglesa; coleccionar e ler muita banda desenhada belga, em inglês, até à adolescência (caso de Tintim, de Hergé) despertou-me para esta língua e para a leitura.

Ler, além de abrir os horizontes, dá combustível. Com a simples passagem dos nossos olhos por um texto, enriquece-se a nossa memória com novas palavras. Quem lê mais tende a falar e a comunicar melhor. No ensino primário e secundário, incentivam-nos a ler «porque sim», «porque tem de ser».

Mas nunca será demais acrescentar que quem ler mais terá mais facilidade em dizer o que lhe vai na alma, encurtando o espaço de tempo entre o pensamento e o discurso oral, pois tem combustível para esse efeito. Ler serve para poder falar melhor, para usar muito mais palavras, ou melhor, para enriquecer o nosso glossário pessoal, de modo a usarmos as palavras mais adequadas para abordar os nossos interlocutores e facilitar a expressão verbal, com menos angústia e mais recursos. Em circunstâncias adversas ou não. Como se tivéssemos mais músculos no cérebro: para persuadir, para namorar, para crescer, para interpretar, para sobreviver.

Claro que todos conhecemos profissionais da comunicação que ainda ignoram como comunicar. Lembro-me de dois eruditos, em que um escrevia melhor do que falava e o outro falava melhor do que escrevia. Mas creio que esse facto dificilmente invalidará que cabe aos comunicadores saber comunicar. De forma pragmática. Absorvendo a reacção dos interlocutores. Comunica-se sempre para alguém, mesmo que possa parecer o oposto.

Ainda no liceu, a contragosto, fui obrigado pelo sistema educativo a praticar corrida de fundo, de modo a obter resultados suficientes no Teste de Cooper, o que teria de implicar pulsação baixa, durante 15 segundos, durante o repouso, valor que revelaria resposta ao treino e facilitaria o aproveitamento na minha cadeira mais impopular, na

época: Educação Física. Treinado pelo meu Pai, os resultados apareceram: sentia-me melhor, mais resistente. Aprendi a gostar. A corrida de fundo ainda hoje me sustenta.

Na China, aprendi a importância dada a uma fachada e que não bastava desejar crescer. Tudo tinha o seu tempo, a sua velocidade de sedimentação, a sua razão de ser. Somos todos iguais, mas uns são mesmo mais iguais do que outros. Os povos parecem diferentes entre si, mas há muito mais a unir-nos do que a separar-nos. Por outro lado, a cultura autóctone formata quem ali viva. Ali, a música do TP do inglês falado é peculiar. O ar condicionado, quando existe, rivaliza com o inverno.

Tal como os músculos que uma pessoa inactiva descobre ter, ao praticar uma corrida longa – especialmente no dia seguinte –, as ocasiões seguintes mais recuadas em que me recorde de acordar para a vida foram em contacto com a morte, nas autópsias durante o 1º ano do curso de Medicina, que sempre considerei inúteis para um estudante. Nada me acrescentaram, a não ser a sensação de impermanência e a vaga impressão de conhecer pessoas vivas parecidas com aqueles cadáveres. Os anatomo-patologistas pareceram-me pessoas muito frias que dominavam o seu saber. Recordo o professor responsável avisar que nada daquilo se poderia nunca relatar lá fora e também que, ao longo da vida, iríamos perceber que as pessoas a quem temos de agradar em primeira instância são os nossos pares. Confere sustentabilidade.

O exame de Anatomia I foi outro teste às convicções, no tempo em que ainda era público, com os professores lá em cima e o aluno cá em baixo, como se retrata no filme «A Canção de Lisboa», de José Cottineli Telmo, com o actor Vasco Santana. Recordo-me de me ter sentido realizado, ao ser finalmente aprovado, numa situação de tensão.

Mas assumir qualquer erro – como a primeira opção pelo percurso inicial acima citado – é bem mais importante para a nossa formação. Embora dispensasse ocupar a memória com esse conteúdo não desejado, constato também ainda me recordar dos vasos sanguíneos e nervos que passam por uma determinada fenda do crânio. Pavarotti escreveu uma biografia em que um dos capítulos é apenas intitulado com uma palavra: «Não».

Convém usá-la com parcimónia. José Alberto Carvalho, professor durante a minha formação em apresentação de televisão, também dedicou uma aula a esta palavra, aconselhando que a evitássemos pois cria sensações agressivas desnecessárias no interlocutor. Há que, mais uma vez «dar-lhe a volta», sempre que possível, como se estivéssemos perante mais um *Limerick*, , em particular quando a criação de pontes entre as partes se revelar uma necessidade mais evidente.

Quando, insatisfeito, prossegui ainda estudos no 4º ano de Medicina Dentária fui obrigado a pensar pequeno pois todos os preceitos de preparação das réplicas dentárias implicavam gestos minuciosos com instrumentos cortantes, onde o menor deslize poderia deitar tudo a perder.

Conheci alguns docentes sem escrúpulos que humilhavam verbalmente alunos fisicamente fracos, gratuitamente, e percebi que nem todos podem ter poder. Alguns alunos supracitados, alvos dessa ira, uma vez que os professores em causa eram os mesmos nas cadeiras dos anos seguintes, desenvolviam um pseudo Síndrome de Estocolmo que me perturbou. Penso que uma das melhores formas de julgar o carácter de alguém passa por observar o seu trato para com quem lhe seja ‘inferior’ hierarquicamente.

Verifiquei igualmente que a fibra da maioria dos estudantes de Medicina e Medicina Dentária que conheci lhes permitiria fazer qualquer coisa na vida, pela determinação que exibiam, inclusive no campo das Letras e das Artes. Ter a noção de que precisamos de todos os elementos da equipa onde nos integramos, de modo a marcar golo na mesma baliza parece-me essencial.

Ir para Letras revelou-se uma decisão apropriada pois o espírito de sacrifício faz parte do vocabulário de qualquer profissional que queira crescer, mas tem limites, em particular se envolve a saúde de outros. Apesar do gosto se poder educar, há fronteiras que a nossa individualidade não tolera. Se gostarmos do que fizermos, teremos maior probabilidade de ter melhores resultados e servir os demais.

A música levou-me à Academia de Amadores de Música e, depois, ao Conservatório Nacional. Ali, descobri professores que partilharam conhecimentos de génio, como o de fazer brotar voz – o meu instrumento – colocada de onde não se sonhava ter, através de preceitos técnicos, treinados lenta e incessantemente. Lembro-me de pressionar a minha professora para me ensinar tudo mais rapidamente. Hoje, compreendo que um professor só pode, em consciência, avançar na matéria se o aluno também já tiver absorvido a anterior e demonstrado resultados.

Ter trabalhado num *call center*, a fazer cerca de 100 chamadas telefónicas para obter concordância do interlocutor em 3% dos casos, ensinou-me a importância de trabalhar com plena força e «um sorriso na voz», em nome de causas aparentemente impossíveis para obter resultados diminutos, mas firmes, – neste caso, para vender cursos de inglês.

A obtenção do Proficiency (CPE) no Instituto Britânico, no único ano em que o frequentei, consolidou um amor antigo pela língua inglesa, que me levaria a aprofundá-lo e rumar à licenciatura em Letras, onde me realizei e conheci os melhores colegas de faculdade.

Ter terminado uma pós-graduação em apresentação de televisão, à noite, obrigou-me a reinventar-me, perder o medo de falar em público e ganhar-lhe prazer, algo que já iniciara ao actuar para pequenas plateias no Conservatório Nacional. Obrigou-me, também, a olhar para mim mesmo, de modo mais crítico.

Dar aulas de inglês a crianças e adultos alertou-me para a importância de considerar os vários públicos alvo, antes de ensinar o que quer que seja. Debitar apenas, é fácil. Num sistema ditatorial, é fácil ser professor numa sala de aula, sem desconforto individual.



Depois da revolução em Portugal, percebi que a implantação de hábitos democráticos estava longe de se reduzir ao voto.

Neste contexto, dar atenção à gramática e à pronúncia inglesas de forma pedagógica relembra-nos a norma a seguir e quase que nos vicia no desejo de esperar que as elites que persistam em falar inglês em público o façam também, dentro do fundo e forma regulamentares. Por exemplo, espera-se que acentuem as palavras de forma correcta. Muitos estrangeiros persistem em falar inglês com palavras «patrioticamente mal» acentuadas – para usar a expressão atribuída a Eça de Queirós – e é uma liberdade que lhes assiste que pode alterar todo um sentido, dificultando o trabalho do intérprete de conferência, o qual também não está imune ao erro, conforme se verá mais adiante.

Imbuído de uma certa tendência paternalista, ter sido professor de Inglês no Casal Ventoso, na altura um antro de toxicodependência, com pais e avós envolvidos, rodeado de professores e funcionários abnegados e estóicos, deu-me alguns anti-corpos. Constituiu um caso claro de discriminação sexual que me beneficiou. A entidade empregadora ignorou o meu CV pois apenas precisava de homens.

Nas minhas aulas, com altos e baixos, a música foi uma constante que ajudou a quebrar o gelo e desmistificar conceitos. Nunca me vestia com formalidade, sempre de T-Shirt durante as quatro estações, pois o inverno era ‘quente’. Nos momentos de crise e no Natal oferecia chocolates aos melhores alunos. Recordo-me de ter recheado uma canção rebelde como «We Don’t Need No Education» – depois de rebaptizada como «All We Need is Education», – do álbum «The Wall» dos Pink Floyd, com vocabulário nos antípodas do original, com letra inventada em conformidade com o programa do Ministério da Educação, muito mais conservador. Uma das melhores alunas, com dez anos que pareciam 13, confessou-me reçar estar grávida de outro colega. Por mero acaso, verificou-se não estar.

Presenciei, ali, algumas situações limite. Os docentes do ensino primário e secundário apenas vingariam se fossem líderes e os seus alunos os aprovassem. Um dia, numa sala de aula, a caminho da minha, vi um professor de joelhos a pedir por favor a um aluno para fazer os respectivos trabalhos, recurso último de persuasão que lhe restara, perante a indiferença de uma criança líder, meu aluno também. Na aula que eu leccionava, percebi que enquanto não ‘domasse’ o líder de uma plateia indisciplinada não conseguiria agir. Aprendi ali a liderar, contrariando a minha natureza. Só se lidera, liderando os líderes.

Noutro dia emblemático, de manhã cedo, uma professora fora agredida violentamente pela mãe de um aluno descontente. No rescaldo, a agredida confessou-me que jamais pensara em defender-se com as mesmas armas pois, nas aulas, advogava a não violência. À polícia, a Directora não a defendeu, alegando que as pessoas iam para aquele estabelecimento de ensino sem formação adequada. Em franco desacordo, para mim, a professora em questão exibira a melhor formação que um ser humano podia ter.

Não serão a maior parte dos problemas do Mundo devidos a falta de elevação na comunicação entre as partes? Como seres ‘racionais’, não seria mais assisado circunscrever os nossos instintos mais primários à cama, ao desporto e à boa mesa, sem agredir ninguém?

Outra situação, em particular, foi a protagonizada por um dos meus alunos, que, reprovando cronicamente e tendo fama de violador, impedia a existência de rotina. Líder nato, mais velho que os restantes colegas e de excelente condição física, parecia um obstáculo intransponível. Até ao dia em que apareceu numa cadeira de rodas de perna engessada e se tornou um alvo fácil. Surpreendi-o num momento em que estava desatento, empurrei-o para fora da aula e fechei a porta apenas com o meu corpo, de mão firmemente mantida no manípulo da mesma, pois não existia chave para a fechar.

Enquanto, do lado oposto, choviam pontapés com a perna restante e insultos à minha mãe, do meu lado da porta, com o máximo de decibéis que recrutei, liderei finalmente aquela turma e foi possível dar a aula. Sempre naquela posição. Um dia, os funcionários dali puderam finalmente descansar: o aluno em causa transitara para outro estabelecimento de ensino.

Durante a parte lectiva do Mestrado em Tradução, apercebi-me do preconceito que leva a que se pense que os intérpretes ganham demasiado bem, em comparação com os tradutores. Consolidei algumas convicções e fiquei a conhecer-me melhor: sou mais pragmático que teórico.

Ainda auto-didacta, assim que me considerei apto, o primeiro trabalho de interpretação simultânea que me surgiu foi sobre moda, uma temática nos antípodas da minha formação, obrigando a uma preparação direccionada para o efeito que só terminou no final do trabalho. O segundo seria sobre toxicodependência, cujo âmbito seria abordado em vários trabalhos até ao momento presente. O tema da moda só regressou dez anos depois, num trabalho recente que me obrigou a rever as palavras-chave do primeiro trabalho.

Senti necessidade de explicitar o meu percurso individual neste capítulo e corro este risco de modo a poder fazer a seguinte pergunta: olhando para trás, parece existir uma certa lógica ou foi tudo coincidência? Parece-me que recuei para avançar.

O facto de a expressão «ter um olho no burro e outro no cigano» me ser familiar e fomentar um pouco a minha parcialidade de julgamento, trazendo-me os reflexos à flor da pele, com eventual vertigem para também poder errar como intérprete, não invalida as vantagens que advêm de dar o benefício da dúvida a tudo o que nos rodeia, lutando contra o conforto aparente de atitudes preconcebidas.

Apesar de acreditar que a vida é muito mais trágica e cómica do que se pensa, acredito na maioria das pessoas. Da minha experiência pessoal, em geral, quanto mais se investir em conhecer alguém, melhor o que se descobre.

Por outro lado, parece existir uma tendência inata do ser humano para, à partida, se considerar superior, ou inferior, aos demais – como mecanismo de defesa. Conta-se que Einstein afirmava que «é mais difícil quebrar um átomo do que um preconceito» - aliado da ignorância. Por que razão? Penso que devido aos nossos medos e inseguranças, ao tudo alegarmos conhecer, algumas vezes injectados pelos traumas da geração anterior. Os múltiplos receios deste últimos levam-nos algumas vezes a tomar a parte pelo todo.

Como resolver? Com coragem e interesse genuínos pelo outro. Apostando, com excelência, na criatividade. E não faltam, afinal, exemplos desmistificadores, entre as elites:

- Helen Keller e Nadia Comăneci não pertencem ao «sexo fraco».
- Nelson Mandela, Martin Luther King e Jessye Norman não precisaram de dançar ou praticar desporto para obter notoriedade.
- Marguerite Yourcenar e Miguel Ângelo não se distinguiram pela orientação sexual.
- Amália Rodrigues não estagnou no berço onde nasceu.
- John Major não se licenciou.
- Pavarotti não sabia ler música.

Em suma, em cada esquina da interpretação pode residir uma surpresa. Ao fazer-se uma pesquisa de preparação para determinado evento, deixamo-nos conduzir pelo nosso preconceito em relação ao mesmo, mas convém tentar ir mais além, prevendo outras palavras-chave em contextos anexos ao que estiver em causa.

Por exemplo, ser a direita da esquerda e a esquerda da direita. Numa conferência sobre finanças, podem decidir falar de turismo; noutra de toxicodependência, pode-se resvalar para a Antiguidade Clássica ou para a Moda. Prever o aparente absurdo ajuda – caso haja tempo.

Como intérprete, tal como sucede com outros profissionais, há toda a vantagem em procurarmos emular-nos. A sociedade espera de nós, em simultâneo, domínio das línguas de chegada e de partida, credibilidade, legitimidade, clareza de raciocínio e de discurso, empatia, dicção correcta, velocidade de leitura e controlo de respiração adequados, domínio de projecção, ênfase e modulação de voz e capacidade de trabalhar com ruído.

Os receptores esperam que sejamos capazes de dar vida à história de um TP oral, com equilíbrio e seriedade – comunicando com naturalidade ideias sintetizadas com as palavras mais apropriadas. Os clientes esperam que mantenhamos uma irreprimível curiosidade e antecipemos respostas, com ética, confidencialidade, ecletismo e bom senso, sem receio de recuar dois passos para avançar um. Todos esperam, em geral, que sejamos cultos e que não sejamos nem rotuláveis nem conspícuos.

E, no fundo, na senda do *Se*, de Rudyard Kipling, esperamos conseguir ter humildade nas alturas de triunfo e derrota. Previne a constatação humana de que tudo é, de facto, efémero. Poeira celestial.

Tal como sucede com outras profissões, ler, estudar e trabalhar regularmente revelou-se crucial para lubrificar o mecanismo de relojoaria que faz a ponte entre o pensamento e as palavras.

#### IV – Aplicação em Contexto Profissional

Duas transmissões em directo de um canal televisivo – no seguimento de outras anteriores para a mesma empresa – e um colóquio internacional organizado por uma associação constituíram-se clientes do signatário e motivaram as seguintes três análises tradutórias diversificadas, a partir de visionamento em DVD, depois de solicitado e adquirido a quem de direito. Mais do que ser juiz em causa própria, tentou-se avaliar um desempenho em contexto, o que se revelou uma tarefa de considerável parcialidade.

O autor destas linhas foi moldado nos séculos XX e XXI e tenta ser pragmático, com uma subjectividade menor do que o habitual, inerente a este tipo de verbalização, sobretudo de cariz informativo, com a intenção de tornar o texto perceptível à escala planetária.

Nos Estudos de Tradução, o estilo está frequentemente ligado à forma, em contraste com o conteúdo. Procurou-se, nestas aplicações em contexto privilegiar o fundo. A função era informar. De acordo com George Yule (cf. 2006: 3), entramos no campo da Pragmática quando se pretende interpretar significados que vão para além de palavras ou frases. Dentro deste contexto, muito do que não é dito será comunicado. Conforme refere o mesmo autor:

«Pragmatics is the study of how more gets communicated than is said».

E acrescenta (2006: 4) as dificuldades inerentes a este objectivo:

«The big disadvantage is that all these very human concepts are extremely difficult to analyze in a consistent and objective way.»

Adicionalmente, tal como Katharina Reiss (2000: 24-27) preconiza, os textos não são apenas pragmáticos ou literários. No meu entender, nos discursos televisivos em análise, as águas também se misturam.

Então, nos casos em apreço, a estratégia da interpretação/tradução passou por tentar manter o peso basilar conferido às palavras, o mais possível fiéis ao original, mas tendo muito presente a compreensão do público alvo, amplo por excelência em televisão, onde o imediatismo e o pragmatismo são as palavras de ordem. Ou o telespectador mudaria de canal.

Durante esta interpretação da interpretação verifiquei que, em caso de hesitação entre duas palavras, ficava clara a opção do signatário pela última proferida.

Comprovei, também, como La Palice, que a margem de manobra para escolha de léxico era mais curta do que aquela que está à disposição do tradutor, na tradução escrita. Nesta última, para Gile (2009: 52), a estratégia é mais ambiciosa. Caso se estivesse a realizar uma tradução escrita *tout court*, claro que haveria exigência acrescida nas palavras empregues – por exemplo, também sem cacofonia. Demonstrei a presença de

alguns erros. De acordo com a prioridade sentida naquelas circunstâncias, tanto se optou por traduzir de imediato, numa tentativa de ‘colagem’ ao TP, que nunca o chegou a ser, como se acabou por generalizar, sintetizar ou reformular, ficando ainda mais longe do original. Mas creio que se evitou desvirtuar o todo, mantendo o sentido. Nalgumas ocasiões, penso que ficou implícita a necessidade urgente de o intérprete realizar sínteses com regularidade.

Apenas as duas primeiras prestações foram realizadas sem o apoio de outro colega, dado serem incumbências que se previa não demorarem mais do que o tempo regulamentar considerado aceitável para um único intérprete. Os TP e os TC dos dois primeiros trabalhos encontram-se nos Anexos A e B. As avaliações do trabalho do autor, realizadas por uma empresa de tradução e por um cliente, estão no Anexo C.

#### 4.1 Atribuição do Prémio Nobel da Paz 2012

No dia 10 de Dezembro de 2012, em Lisboa, através do canal RTP Informação, realizei a interpretação simultânea EN\_PT da transmissão em directo dos discursos do Presidente do Conselho Europeu Herman Van Rompuy e do Presidente da Comissão Europeia José Manuel Durão Barroso, alusivos à atribuição do prémio Nobel da Paz à União Europeia.

Neste tipo de circunstâncias modelares, os intérpretes costumam receber os discursos com bastante antecedência ou no próprio dia, *in loco* ou nos países onde se processa a interpretação. Tal não sucedeu, neste caso, apesar de ocorrer em Lisboa.

Sendo um ambiente formal por excelência, com muitos dignitários presentes, tudo indicava, atendendo ao mesmo evento em anos anteriores, que se fizessem discursos de revisão do estado de arte das organizações europeias, com enfoque eventual na história europeia e portuguesa mais recentes.

Assim, naquele momento, o autor munuiu-se também da sua habitual tabela com palavras-chave, fusão da pesquisa no seu glossário acumulado ao longo da vida, com as que parecessem ter grande probabilidade de ser afluídas em acontecimentos políticos.

EN	PT
1 trillion = a thousand billion	1 bilião de euros
acordão	Judgement of the Court
acquis	Acervo
affiliates	Filiais
To ascertain	To find out
alongside	Em conjunto, em paralelo com
As much as	Por muito que

benchmarking	Estabelecer parâmetros
Boom and bust cycles	Ciclos de crescimento e recessão
Checks & balances	Controlos & mec. de equilíbrio
Collective bargaining	Negociação colectiva
Commissioned by	Encomendado por
counterpart	Homólogo; contrapartida
Crony capitalism	Capitalismo selvagem
devise	Elaborar
delist	Deixar de estar cotado na Bolsa
deterrent	Dissuasor
downsize	Reduzir (para X pessoas)
downpayment	Amortização
drawback	Desvantagem, contratempo
electioneering	Eleitoralismo
eligible	Apto
Entrenchment	Enraizamento
To escalate	Aumentar
Grace period	Período de carência
henceforth	De futuro
Independent will	Livre arbítrio
In good standing	Na plena posse dos seus direitos
In the pipeline	Estar na calha
Interest on 10 years loan	Juros a dez anos
leeway	Espaço de manobra
kinship	Afinidade
Legal framework	Normativo
(A) lurch	Uma viragem
Left in the lurch	Abandonados à sua sorte
Insofar as	Na medida em que
To match up	Estar à altura
(The) orthodoxy	A norma
ousted	Despedidos
Paving the way	Preparando o caminho
passing of the baton	passagem de testemunho
Policy makers	Decisores políticos
Putting a Spring in the step	Galvanizando
Refute, rule out, contradict	Desmentir
Reestruturação da dívida	Debt restructuring
Resettlement country	País de acolhimento
Shale-gas	Gaz de xisto
Signatures of Sarin gas	Vestígios de gaz Sarin
slams	Bairros da lata
Slow down	Abrandamento
To Set out	Estabelecer
The set out	O enquadramento
standardize	Uniformizar
supersede	Sobrepôr-se
Think Tank	grupo de relexão

tussle	Discussão, contenda
Upgraded & downgraded	Valorizar & desvalorizar
Underpin	Suportar
uphold	Assegurar
Upfront (payment)	Pagamento antecipado
Upstream & downstream	A montante & a jusante
whereupon	Após o que
workforce	Mão de obra

Após a cerimónia, os TP orais dos discursos dos intervenientes (TP 1) apareceram disponíveis através da Internet e comprovei que tinham sido respeitados integralmente pelos oradores, sem improvisos, de modo que para o presente trabalho me bastou concentrar-me na análise da gravação da minha voz – frequentemente sobreposta à do orador –, uma vez que me foi garantido pela RTP não ser possível obter a minha, isoladamente, a interpretar para o evento em questão.

Passo a interpretar a interpretação, após o visionamento prévio do respectivo DVD.

#### 4.1.1 Dificuldades e Opções Finais

Dificuldades no TP 1 oral	Descrição	Opção final no TC 1 oral
<b>(Discurso do Presidente do Conselho Europeu, H. Van Rompuy)</b>		
1	Heads of State and Government	Chefes de Estado e Governos
2	Union's fundamental purpose	Objectivos primordiais da União
3	to further the fraternity	Promover a fraternidade
4	It is our work today	É todo um trabalho de hoje
5	work of generations before us	também um trabalho de gerações
6	of generations after us	de gerações que nos seguirão
7	who dreamt of	sonharam um
8	belongs to them	pertence-lhes
9	as old as	tão velha como
10	the scars of spears and swords, canons and guns, trenches and tanks, and more	as cicatrizes de espadas, canhões, armas, trincheiras, tanques e mais ainda
11	"In Peace, Sons bury their Fathers. In War, Fathers bury their Sons."	Na paz onde tudo se deve gerar
12	Yet	Assim
13	two terrible wars engulfed the continent and the world with it	atravessámos duas guerras terríveis e o mundo
14	lasting peace	chegou à paz
15	came to Europe	nomeadamente na Europa
16	still simmering with mourning and	ressoavam com bastante



	resentment	ressentimento e culpa
17	How difficult it then seemed	—
18	as Winston Churchill said	Como alguém já disse
19	my father, then seventeen	o meu pai, com setenta anos
20	had to dig his own grave	teve de dar o seu contributo
21	He got away	Foi para fora
22	what a bold bet it was, for Europe's Founders	quão corajoso ele foi para os fundadores da Europa
23	is reconciliation	é a reconciliação em si
24	They are private words, not for treaties between nations. But the will to not let history repeat itself, to do something radically new, was so strong that new words had to be found.	Com orgulho, não de tratados entre nações mas da vontade em não deixar que a história se repita, fazer algo radicalmente novo.
25	Europe equalled hope	A Europa com igualdade à esperança
26	Many other stirring images before me	muitas outras imagens como estas
27	Willy Brandt kneeling down in Warsaw	Willy Brandt em Varsóvia.
28	The dockers of Gdansk, at the gates of their shipyard	Gdansk e os seus estaleiros
29	Two million people linking Tallinn to Riga to Vilnius in a human chain	Dois milhões de pessoas em Talin e Vilnius, numa cadeia humana
30	These moments healed Europe	Estes momentos curam a Europa
31	Through constant negotiations	Com constantes negociações
32	between ever more countries	com um cada vez maior número de países
33	Ministers from landlocked countries passionately discussing	Ministros de países discutem
34	Europarlamentarians (34) from Scandinavia	parlamentares da Escandinávia
35	Self-evident	É agora auto-evidente
36	In a way	De uma forma
37	Even if not yet everywhere	Se é que não estão já por todo o lado
38	Soviet rule over Eastern Europe ended just two decades ago	A União Soviética e a Europa de leste, há duas décadas atrás
39	Srebrenica	Sbrenica
40	next year	no ano seguinte
41	brothers and sisters	irmãos
42	where was war	quando havia guerra
43	lies ahead of us	está na nossa frente
44	After all	Depois
45	economic crisis	crise financeira
46	struggling to make ends meet	procurando viver com os poucos

		meios que têm
47	workers recently laid off	—
48	hardening of hearts, the narrowing of interests	os nossos corações estreitarem os seus interesses
49	even the return of long-forgotten fault-lines and stereotypes	virarmo-nos para preconceitos e estereótipos e não em decisões conjuntas
50	borrow	pedir emprestadas
51	We answer with our deeds, confident we will succeed	Se tivermos confiança, seremos bem sucedidos
52	very hard	muito arduamente
53	growth	desenvolvimento
54	speaking to us from the centuries	falando a nós mesmos
55	For them Europe is a daily reality. Not the constraint of being in the same boat	Para eles, a Europa é uma realidade diária, não algo estrito
56	risen from the ashes	erguer-se das cinzas
57	take this common adventure further	levar esta aventura comum mais para a frente
58	seize	apreender
59	—	(Eu sou um europeu, em alemão, citando a frase de Kennedy)
<b>(Discurso do Presidente da Comissão Europeia, J.M. Durão Barroso)</b>		
60	“Peace is not mere absence of war, it is a virtue”, wrote Spinoza	A paz não é a mera ausência de guerra, escreveu Espinosa
61	At peace with their political system. Reassured that their basic rights are respected	garantindo que os seus direitos básicos serão respeitados
62	that Spinoza was referring to	que Espinosa referiu
63	native Lisbon	Lisboa nativa
64	the democratic revolution and freedom	a revolução democrática da liberdade
65	This same feeling of joy	Esta motivação
66	in Central and Eastern Europe and in the Baltic States	na Europa Central e nos Estados Balcânicos
67	regained	reganharam
68	I will never forget Rostropovich playing Bach at the fallen Wall	Lembro-me de Rostropovich, tocando Bach em Berlim
69	The European Union	A Europa
70	From pooling coal and steel, to abolishing internal borders	Desde a abolição de fronteiras internas e os acordos em relação ao aço
71	from six countries to soon twenty-eight with Croatia joining the family this has been a remarkable European journey which is leading us to an <i>"ever closer Union"</i>	tudo isto foi uma jornada notável que nos levou a uma Europa que não se fecha
72	test	tarefa
73	elected	votado

74	it is work in progress	Está em progresso
75	, it attests to the quest for a cosmopolitan order, in which one person's gain does not need to be another person's pain; in which abiding by common norms serves universal values.	um teste para uma ordem cosmopolita, por exemplo, temos de lidar com laços comuns e partilhar valores universais.
76	the irreducible uniqueness of the human being	a necessidade irredutível do ser humano
77	can no longer solve the problems of the present	já não podem salvar os problemas do presente
78	only a stage on the way to the organised world of the future.	um estágio para o caminho de organizar o mundo no futuro
79	the foundation	a fundação
80	the International Court of Justice and the International Criminal Court	o nosso apoio pela justiça internacional consubstanciado pelo tribunal europeu de justiça
81	energy security	Segurança
82	against nuclear proliferation	contra o armamento nuclear
83	As a continent that went from devastation	contra a devastação
84	with the most progressive social systems	—
85	is a stain on the world's conscience	está na consciência mundial
86	And no prison wall can silence their voice. We hear them in this room today.	E nenhum prisioneiro de Guerra pode silenciar a sua voz. Nós ouvimo-los aqui. Conseguimos ouvir os prisioneiros de Guerra neste momento.
87	for their non-violent struggle for the safety of women and for women's rights	na luta pelos direitos das mulheres, em luta pela igualdade entre as mulheres e os homens
88	supporting women's empowerment	e apoiar as mulheres nos parlamentos
89	Humble	—
90	In an early version of his will	Na única versão da sua vontade
91	commitment	Envolvimento

#### 4.1.2 Justificação

Opções Finais	Justificação
1	Ficava mais correcto acrescentar «de governo», em vez de «governos»
2	Pareceu-me mais habitual ouvir no plural, em PT, neste contexto
3	Ficava melhor «aprofundar»
4	Ficaria melhor «É o nosso trabalho actual»
5	Acrescentei «também» para ficar bem claro. Poderia ter mantido o determinante «o»
6	«vindouras», ficaria melhor
7	«sonharam com um» ficaria melhor
8	Acrescentei, com excesso de zelo «Pertence-lhes este prémio, também»
9	«antiga», ficaria melhor
10	Faltou «lanças»
11	Ignorei a frase de Heródoto e procurei sintetizar o âmago da questão
12	Deveria ter colocado «No entanto»
13	Ficaria melhor «duas guerras terríveis engoliram o continente e o mundo»
14	Ficaria melhor «paz duradoura»
15	Excesso de zelo, com «nomeadamente»
16	Fui mais eufemístico: faltou «luto» e preferi «ressoavam» em vez de «ferviam
17	Não conferi a importância devida a esta frase
18	Deixei ser o orador a dizer o nome de Churchill
19	A palavra « <b>seventeen</b> » (dezassete), no original deve ser sempre acentuada na última sílaba, conforme se recomenda no ensino do inglês. O orador não o fez, preferindo privilegiar acentuar a primeira sílaba, tal como se recomenda fazer com « <b>se</b> venty» (setenta). Assim que o autor destas linhas reconheceu a acentuação na primeira sílaba da primeira palavra acima, reagiu imediatamente como se fosse « <b>se</b> venty», dado serem dois fonemas semelhantes onde apenas a acuidade da acentuação faria a diferença. Um erro de que o autor se apercebeu, nas fracções de segundo seguintes, atendendo também à idade do orador – mas que já não foi possível remediar pois importava não perder o resto do TP oral.
20	O equívoco anterior ainda deixou sequelas. Deveria ter dito «teve de cavar a própria sepultura»
21	«Escapou», seria mais apropriado
22	A palavra «ele» está a mais. O intérprete ainda estava afectado pela opção final 19.
23	Quis tornar a ideia em causa mais clara.
24	Digerei o conteúdo e «orgulho» pareceu-me resumir o sentimento dominante
25	Mais correcto seria: «A Europa ombreava com a esperança»
26	Mais correcto seria: «...a dinâmica das imagens à minha frente»
27	Mais correcto seria: «Willy Brandt ajoelhado em Varsóvia»
28	Resumi a ideia, mas claro que ficaria mais completa com a referência aos estivadores

29	Faltou a referência a Riga
30	Na minha opinião, «curam» reflecte mais a intenção do exemplo que o orador pretendeu dar para o futuro
31	«Através de» ficaria melhor
32	«com um número cada vez maior de países» ficaria melhor
33	«Países sem fronteiras marítimas a discutir com paixão» é que ficaria correcto
34	A palavra «parlamentar» (membro de Parlamento), como substantivo, usa-se pouco , mas está correcta
35	Ficaria melhor «...é agora um dado adquirido.»
36	«Por um lado», ficaria melhor
37	«Mesmo que ainda não suceda em todo o lado» é que seria correcto. O intérprete não escutou a palavra inicial «Even», no original
38	Perante o auditório de pessoas cultas, generalizei. Deveria ter dito «O jugo da União Soviética na Europa de Leste terminou há duas décadas», dado o âmbito televisivo
39	Mal pronunciado
40	«no próximo ano», ficava melhor, naquele contexto
41	«irmãos» já abrange irmãs. Mas dada a luta pela diferença de género nas palavras usadas, deveria ter dito «irmãos e irmãs»
42	«Onde havia guerra» era mais correcto
43	«perante nós», ficaria melhor
44	«Afinal» ficaria mais correcto
45	«económica» era mais correcto, mas pensei na geração da crise
46	Preferi o eufemismo
47	Saltei «trabalhadores despedidos recentemente», no meio da cascata de palavras do orador
48	Tentei fazer literatura. Fui excessivo.
49	Reformulação de ideias
50	«usar» ou «citar», ficaria melhor
51	Fusão de ideias
52	Redundância
53	«Crescimento» seria mais correcto
54	«falando connosco com séculos de distância» talvez ficasse melhor
55	Fusão entre duas ideias
56	«renascer» ficaria melhor
57	«adiante» ficaria melhor
58	«agarrar» ficaria melhor
59	«inspirando-se na frase de Kennedy» teria ficado melhor, mas foi excesso de zelo do intérprete, acusando a sua formação em apresentação de televisão. A apresentadora de televisão que entrou no ar logo a seguir, prosseguiu dizendo «parafraseando Kennedy...»
60	Comprimi uma frase e deixei de fora «é uma virtude»
61	Saltei uma frase «em paz com o seu sistema político», ao focar-me na frase seguinte. Ficaria também melhor «estando garantido que...»
62	Ficaria melhor «...a que Espinosa se referiu»
63	Ficaria melhor «...Lisboa natal»
64	Uma liberdade linguística aceitável
65	Uma liberdade linguística aceitável

66	Deveria ter incluído a «Europa de Leste»
67	«recuperaram» seria mais apropriado
68	Retirei a componente emocional e a frase ficou algo desvirtuada, mas complemento um pouco, na frase seguinte
69	Europa e União Europeia ainda não são sinónimos, de facto. Ficaria mais correcto «União Europeia»
70	Síntese de ideias
71	Devido à velocidade do orador, o intérprete generalizou e omitiu « desde os primeiros seis países até aos vinte e oito, com a Croácia», conforme conviria
72	O intérprete tomou «test» por « task», de acordo com o som do TP oral, mas o sentido não ficou alterado
73	«eleito» ficava melhor
74	«...em evolução» seria mais adequado – embora, na oralidade se tenha vulgarizado dizer que algo é um «work in progress», como no original
75	A pronúncia do orador em «it attests» induziu-me em erro, como se se referisse a «tests» e, ao ter de reorganizar o que ouvia, omiti o provérbio seguinte e afectou o final do parágrafo
76	Deveria ser «o carácter único do ser humano», mas parecia uma citação em francês que poderia ser longa. Penso que a solução encontrada não está muito longe
77	«resolver» era a palavra adequada
78	Nesta fase, o intérprete, ao contrário do previsto para este evento, excedeu o tempo regulamentar e acusa alguma fadiga. Fica provado que deveriam estar dois profissionais a trabalhar, alternando entre si. Não obstante, «estágio» tem um sentido abrangente
79	«o pilar» ficaria mais correcto
80	Foi omitida pelo intérprete uma instituição legal
81	«segurança energética» seria mais adequado
82	«contra a proliferação nuclear» seria a palavra adequada
83	«como continente sobrevivente à devastação» seria o mais adequado
84	«com os sistemas sociais mais progressistas» foi omitido na reformulação
85	Omiti a palavra «mancha» por não a ter ouvido no TP oral
86	A ideia está clara, mas deveria ter ficado «E nenhuma prisão pode silenciar a sua voz»
87	Generalizei, mas o sentido do TP oral manteve-se
88	Deveria ter dito, em alternativa, «apoio a capacitação das mulheres»
89	A palavra «humilde» foi omitida pelo intérprete
90	«numa versão recuada do seu testamento» ficaria melhor
91	«empenhamento» ficaria melhor, mas a palavra «compromisso», usada em seguida, compensa a hesitação anterior

Procurou-se ter presente a opinião de Jakobson (in Venuti, 2000: 114), segundo a qual, ao traduzir de uma língua para outra, não existe habitualmente um equivalência total, mas, mais frequentemente, uma substituição de mensagens por mensagens inteiras e não por unidades separadas de um código.

Tal não invalida erros de tradução/interpretação.

Após análise em causa própria, penso que houve vulnerabilidades. Penso também que, nestes dois casos, frases longas obrigaram a reformulação. A língua de chegada, o português, é menos densa e sucinta.

Apesar de o intérprete em acção ter excedido o tempo regulamentar, acusando alguma fadiga que prova que deveriam estar dois intérpretes a trabalhar, alternando entre si, penso que foi estabelecida a ponte com o público alvo de forma compreensível e que a essência do TP oral foi mantida, tendo em consideração a opinião de Jones (2002: 98) na sua obra canónica:

«...an interpreter's first duty is not so much to be faithful to the speaker's words come what may, but to maximize communication.»

#### 4.2 Conferência de imprensa entre o Presidente do Eurogrupo e o Ministro das Finanças Português.

No dia 28 de Maio de 2013, em Lisboa, através do canal RTP Informação, realizei a interpretação simultânea EN\_PT da transmissão, em directo do Ministério das Finanças, da conferência de imprensa conjunta entre o actual Presidente do Eurogrupo, Jeroen Dijsselbloem e o então Ministro das Finanças de Portugal, Vítor Gaspar. A gravação em DVD deste evento foi cedida ao autor, após solicitação para o efeito.

O autor destas linhas visionou vários discursos e debates entre responsáveis da área da economia e finanças de várias nacionalidades, na Internet. Com base em eventos similares do mesmo foro, contactei em rede com alguns colegas para detectar palavras-chave e expressões locais ou outras que pudessem ser afloradas. Sabia-se de antemão que o prato forte seriam as finanças, mas qualquer fuga ao tema pré-definido com a abordagem de qualquer outro (por ex: economia ou política externa) poderia ocorrer *en passant*.

Depois de sujeitar a minha pesquisa prévia a um critério que relacionasse dinheiro, empréstimos, bancos e instituições envolvidas, depois de rever eventos semelhantes, muni-me de algumas palavras-chave desse mundo para o recinto. Apesar de simples, poderiam ter de ser proferidas, automaticamente, e foram bons auxiliares de memória:

EN	PT
Assets & Liabilities	Activo & Passivo
Bail out	Resgate
Bank Overdrafts	Descobertos Bancários
Bank Statement	Estracto Bancário

Bank Balance	Balanço, Saldo
Bill	Projecto de Lei
Boom & bust	Fases de crescimento e recessão
Buffer zone	Zona tampão
Cancelled debt	Dívida perdoada
Cut off dates /deadlines	Datas limite
DAT	Depósitos a prazo
Deposits held at call	Depósitos à ordem
Downpayments/ tranches	Prestações, amortizações
Downsized	Reduzido
Ease restrictions	Flexibilização
ECB	BCE – Banco Central Europeu
ESM	Mecanismo Europeu de Estabilização Financeira
FDI =Foreign Direct Investment	Investimento Directo Estrangeiro
Forecasted	Previsto
Haircut	Margem de Avaliação Mínima
Heading	Rubrica
Highly liquid	De elevada liquidez
Holding back	Retenção
IEB	Banco Europeu de Investimento
Interest on 10 years loans	Juros a 10 anos
Maturities	Maturidades (datas de vencimento)
A mismatch	Um desajustamento
MOU	Memorando do acordo
SME – Small and Medium Enterprises	PME – Pequenas e Médias Empresas
Overrun	Derrapagem
Pay-roll withholding	Retenção
Surplus workers	Trabalhadores excedentários
Targets	Metas
To the tune of	Por um montante de
Total owed	Total em dívida
Treasure bonds	Obrigações do Tesouro

Sendo uma conferência de imprensa, para esclarecimento mundial, pareceu-me natural que nem os protagonistas, nem os jornalistas enveredassem por termos demasiado técnicos, mas podia acontecer. Das palavras acima apenas uma pequena parte foi referida.

Uma vez que os discursos, escritos e improvisados, não aparecem disponíveis através da Internet, como sucedia no caso anteriormente analisado, depois de adquirir a gravação em DVD, apenas me restou concentrar-me primeiro no TP oral dos oradores e depois no meu TC oral, apesar de o minuto final da audição da minha interpretação em simultâneo se sobrepor frequentemente à voz do dignitário.



Era um dado adquirido, garantido pela RTP, que não se conseguiria obter, numa gravação à parte, o discurso dos oradores e noutra o discurso do intérprete. Tal como no caso anteriormente analisado, ao efectuar a transcrição do texto de partida (TP 2) as vozes do intérprete e dos ministros sobrepunham-se. A partir da audição do minuto final, o DVD já acusava diminuições frequentes de som.

Tentei interpretar a interpretação (TC 2), realizando, afinal, uma auto-análise.

Tal como referi supra, na página 20 do presente trabalho, «...em bom rigor, toda a interpretação, mesmo a simultânea, é consecutiva», no caso em questão, foi facilitada pelo ex-Ministro das Finanças, Vítor Gaspar, cuja velocidade na emissão do respectivo TP oral pode ser considerada modelar, com margem para uma certa modulação de voz do signatário, conforme se refere ser desejável na página 9.

Seguem-se alguns aspectos que considere dignos de ponderação, devidamente numerados no TP 2 e TC 2, constantes no anexo B do presente trabalho de projecto.

#### 4.2.1 Dificuldades e Opções Finais

<b>Dificuldades no TP 2 oral</b>	<b>Descrição</b>	<b>Opção Final no TC 2 oral</b>
1	Thank you, Minister Gaspar.	—
2	the economic crisis very often	com muita frequência a crise
3	from the people here, politicians who have to take on the responsibility on the progress being made on	todos os que tomam uma parte activa neste processo
4	on the base of that review	na base dessa
5	Portugal has done very well	Portugal já se portou muito bem
6	Review	revisão
7	from the EFSF and the EFSM	recebidos pelas instituições em causa
8	successful exit to the financial markets again and leave the programme	entrada bem sucedida nos mercados financeiros
9	on the basis of the Constitutional Court's	na base das restrições constitucionais
10	meetings of the Ministers of Finance. The Eurogroup meeting will be chaired by	reuniões entre os Ministros das Finanças e o Eurogrupo, com o Presidente
11	policy action	acções políticas
12	nominal limits	limites
13	have to be amended if circumstances,	estão de acordo às alterações

	if economic developments so require.	correspondentes a alterações do momento
14	seventh review	sétima avaliação
15	That's very important	—
16	Patricia Cachel	—
17	social and economic crisis	uma crise económica
18	starting some	começar a iniciar-se uma
19	workforce	população de trabalho
20	has to deal with its indebtedness	mergulhada em dívida
21	with more	sem
22	that's the sensible approach of the budgetary discipline and the fiscal consolidation	a consolidação fiscal é essencial e tem de continuar
23	also on the top of our bill	também agora no topo das nossas propostas
24	on both the resolution directive as well as the direct recap of the ESM	em relação à directiva e o ESM
25	because I want to be perfectly clear, if you don't mind	porque quero ter suficiente acuidade para esse efeito
26	where and when necessary	sempre que necessário
27	The Portuguese coalition	A coligação portuguesa no governo
28	to work their way	empenhados para trabalhar
29	programme	Programa...
30	only started Summer last year and December last year	Em Dezembro do ano passado, já acordámos
31	ECB	BCE...
32	mid next year	no próximo ano
33	business prospects	suas perspectivas
34	functioning of the Euroarea but also from a national	Funcionamento adequado da zona Euro. Portanto, do ponto de vista nacional,
35	—	—
36	angry	furiosas
37	How do you look upon him? Is he your partner or your controller?	Como encara isto? De uma forma conformista?

#### 4.2.2 Justificação

Opções Finais	Justificação
1	Ainda não tinha obtido autorização para iniciar a tradução, proveniente dos estúdios da RTP Informação
2	Já se sabe que a crise é económica. Pode estar implícito
3	Esforço de síntese

4	Ficava melhor com a palavra ‘revisão, no final
5	«Saíu-se muito bem» ficaria melhor
6	Mas, mais adiante no texto, usarei outro sinónimo. Poderia ter mantido sempre esta mesma denominação ou «exame regular»
7	O orador já tinha dito os acrónimos – sintetizei
8	Achei que estava implícito o resto da frase que parece faltar no TC
9	Esforço de síntese
10	Fusão entre duas frases
11	Pareceu-me que ficava melhor no plural
12	Omiti uma palavra do TP («nominal») por lapso
13	Fusão necessária no contexto da oralidade
14	Poderia ter mantido sempre esta mesma denominação ou ‘exame regular’
15	Omiti, por lapso de tempo
16	Ouviu-se claramente o nome da jornalista. Logo, não era necessário repeti-lo
17	Omiti «social» pois a crise já se sabe ser abrangente
18	Redundância. Bastava «começar»
19	«Força de trabalho», seria mais apropriado
20	Embelezamento do original – fruto de algum excesso de zelo do intérprete
21	O intérprete percebeu «with no more economic setbacks», em vez de «with more economic setbacks». «com contratempos» é que estaria correcto
22	Síntese forçada que apenas validou a parte final do TP. Faltou acrescentar «a abordagem sensata da disciplina orçamental»
23	«projecto de lei» seria mais apropriado
24	Omissão
25	Grandiloquência excessiva do intérprete...
26	Resumo
27	Acrescentei a palavra «governo», para ficar claro
28	Ficava melhor a palavra «em», em vez de «para»
29	Dicção insuficiente. Não se ouve bem a sílaba final no TC oral
30	Omiti que o processo fora iniciado no Verão e reduzi o conteúdo à altura da obtenção do acordo, em Dezembro – o mais importante
31	Não se ouve bem «BCE»
32	Faltou dizer «meio do»
33	Faltou falar «de negócios»
34	Como a frase era muito longa, iniciei uma nova, para facilitar a compreensão
35	Bastou deixar ouvir-se o nome do jornalista
36	«Zangadas» seria menos dramático e mais próximo do TP
37	Dei uma interpretação mais livre

As opções apresentadas reflectem vulnerabilidades, mas permitiram uma tradução oral que penso ter sido fiel ao sentido imprimido pelos dignitários.

#### 4.3 Colóquio Internacional da APRe!

No dia 26 de Outubro de 2013, no auditório da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, ocorreu o colóquio internacional da APRe! (Associação de Aposentados,

Pensionistas e Reformados), subordinado ao tema “Os reformados na Europa – Que Políticas de Investimento Social?”.

#### 4.3.1 Opções Finais

A meu pedido, fiquei autorizado a beneficiar da gravação áudio de todos os discursos dos oradores e respectiva interpretação consecutiva e simultânea, EN\_PT\_EN – a meu cargo e de outro colega pois iria durar cerca de oito horas.

Após o evento, foi-me entregue uma avaliação do nosso desempenho – no Anexo C – e um CD do técnico de som da referida Faculdade que, afinal, se descuidara e contrariamente ao planeado, gravara apenas os TP orais dos oradores, sem incluir a nossa interpretação, impossibilitando, assim, à partida, qualquer análise a partir daqui.

Assim, neste caso de aplicação em contexto, em consciência, o signatário apenas se pode cingir às consequências da constatação de um imprevisto que atesta os pressupostos abordados atrás, numa profissão onde raramente existe rotina, nada mais podendo acrescentar que prove a interpretação deste evento, para além do documento supracitado.

## Conclusão

De acordo com o princípio newtoniano, toda a acção implica reacção.

Existe uma relação entre ambiente, memória e linguagem, onde a língua representa um conhecimento e uma sabedoria.

A interpretação tem potencial para estimular e conservar a biodiversidade de várias formas: através da habilidade que tem para reconhecer e expandir as características únicas dos textos e culturas para qualquer língua; através da manutenção de opções culturais disponíveis; e através da sua capacidade de nos recordar o que já foi feito noutras línguas. Qualquer diminuição da capacidade linguística leva a uma diminuição da capacidade de adaptação e é bem sabido que as monoculturas são mais vulneráveis.

Em face do que testemunhamos como intérpretes, corroboro da opinião de Bielsa (2005: 12), que confere à apreciação da tradução como estrutura basilar da globalização uma forma de analisar a articulação entre o global e o local, a um nível factual, tangível. Creio fazer todo o sentido manter a interpretação a par da tradução em sentido estrito. Conforme refere Matias (2004: 161), «toda a tradução tem interpretação e toda a interpretação está sujeita a regras de tradução.»

Quando um intérprete com prática de tradução escrita profere um determinado termo, tal pode representar a conclusão do tempo passado na pesquisa da mesma para um TC escrito, no recesso do lar. Amnésicos, estaremos condenados a repetir a história dos nossos erros eventuais.

A confidencialidade implícita a tudo o que o intérprete simultâneo testemunha no exercício das suas funções não o/a inibe de analisar conteúdos que não identifiquem os seus protagonistas.

A maior parte dos oradores não falam como escrevem, à excepção dos discursos das cerimónias como as de atribuição do prémio Nobel: sem margem para improvisos, facilitou a tarefa de análise do TP escrito.

A conferência de imprensa analisada reflectiu as incongruências de um discurso falado, onde o imprevisto – apesar de eventualmente treinado pelos dignitários – soou distante de um texto de partida pois obrigou a uma linguagem com avanços e recuos, típica da oralidade, onde o inglês do ex-ministro das Finanças Português se revelou mais fluente que o do Presidente do Eurogrupo.

O terceiro trabalho ficou gorado por uma das variáveis ter sido negligenciada por um técnico que se comprometera a garantir a gravação da interpretação – ao contrário do previsto. Mesmo assim, foi decidido incorporar o evento neste trabalho pois reflecte uma realidade: a logística também nem sempre funciona de acordo com compromissos assumidos formalmente.

Por vezes, houve também simplificação na interpretação, em relação a alguns termos a cuja referência explícita se saltou. Jones (2002: 99) refere crer na capacidade dos intérpretes para identificarem a essência de um testemunho ou de uma questão e transmiti-la, sem que tenham de compreender todos os detalhes expressados.

Por vezes compreende-se o TP oral, mas a palavra do TC não aparece logo com a velocidade desejada. É necessário, por vezes, sacrificar o menos importante ao mais importante. Além de todos os atributos atrás referidos, interpretar também é um jogo de percentagens, conforme Jones (2002: 101-102) assinala na sua obra. Em última instância, o intérprete tem de fazer opções de conduta que sacrifiquem o conteúdo menos importante em nome de um alegado bem maior: o objectivo que ajuizar em segundos. Em face de uma conjuntura imbuída de demasiadas especificidades técnicas, um modo de expressão demasiado excêntrico ou uma velocidade discursiva muito acelerada, ao intérprete apenas resta a omissão, conforme corrobora o referido autor.

Conforme sublinha Gabriela Terenas (2008:46), a consolidação do estatuto dos tradutores como mediadores culturais não ocorreu senão como corolário natural dos *Translation Studies* e da inestimável contribuição de autores como James Holmes, George Steiner, Itamar Evan-Zohar, Gideon Toury, Susan Bassnet, André Lefevere ou Lawrence Venuti, entre tantos outros. E esta autora vai mais longe: «O tradutor deve assumir o seu papel de intermediário» pois «trata-se de uma dialética enriquecedora», uma vez que lhe é conferido «um papel decisivo na seleção e na interpretação do texto de partida», sendo «também um (re)criador do texto de chegada», como acontece com a figura do jornalista, por exemplo. (47-48)

Para mim, embora nem todos os tradutores sejam intérpretes, o inverso é verdadeiro: todos os intérpretes são tradutores, mesmo que não o sejam na mais pura acepção da palavra, dado o imediatismo que lhes é exigido, sem possibilidade de pesquisa muito apurada, no preciso momento em que intervêm, tentando preparar-se anteriormente para o efeito. A tradução está para a interpretação como o teatro para os actores ou o solfejo para os músicos. É o lastro. A raíz. A fonte do saber.

A interpretação promove identidades locais, regionais e nacionais, uma vez que há outros olhares a considerar e não há apenas um passado, mas vários “passados”. Iolanda Ramos (2011: 433) sublinha a importância dos intérpretes, tradutores e mediadores como vectores da comunicação intercultural. Creio fazer todo o sentido manter o estudo da interpretação a par do da tradução. Complementam-se e sobrepõem-se. O problema reside na situação em que os intérpretes são colocados e não na tradução em si.

Neste contexto, com o devido respeito pela sua personalidade, para mim, um orador começa por ser um texto, ou segmento de texto. Só ganha personalidade a partir do momento em que o intérprete começa a ‘interagir’ com o mesmo, numa tentativa de se adaptar ao seu ritmo e idiossincrasia. Tal como na relação professor/aluno, como intérpretes, apenas temos a ganhar em aproveitar cada evento também para reflectir sobre a postura dos oradores, cujos egos os levam a, com todo o direito, deixar-se entusiasmar e perder-se no raciocínio, mesmo com discursos escritos, quando estão

ausentes do seu espírito as vantagens de falar pausadamente, após completar raciocínios.

Hoje, herdeiros da missão de transmitir outros olhares, numa cultura predominantemente audiovisual, a importância dos intérpretes pode aumentar. Em plena globalização, a aparente futilidade de um contacto através da Internet pode ter repercussões de montante elevado.

São mais do que comunicadores polivalentes: são também transmissores ambiciosos, interventivos, decisores e autores – no sentido em que, à excepção dos casos em que exista uma única tradução possível, é necessária uma escolha entre palavras de outra língua, de acordo com a nossa sensibilidade, em conformidade com procedimentos criteriosos e com os preceitos éticos da classe –, distinguindo-se por aquilo que têm sustentabilidade para fazer, à luz de toda uma reflexão que os precedeu, na cultura, na sociedade e na política. Numa neutralidade colaborante.

Os governos têm de desenvolver estratégias em benefício dos seus sectores económicos, por exemplo ao nível da educação, da carga fiscal e das telecomunicações, para que possa aumentar o mercado de trabalho para os profissionais da tradução e para os profissionais da interpretação em particular.

O que importa não são as operações de mercado às cegas, mas o envolvimento dos Governos para investirem na educação, na formação de tradutores/intérpretes e na atualização das redes de telecomunicações, crendo no seu valor cultural, contra a homogeneização, para criar diversidade a nível supranacional. Pode ser uma luta inglória, mas alguns Estados funcionam melhor fora do mercado globalizado.

Sem ceder à tentação do estreitamento de ideias das culturas etnocêntricas, mas contra o gigantismo das multinacionais, a nível económico ou político, importará promover os mais pequenos: a fragmentação das regiões e o revivalismo das identidades regionais, dos dialectos e das línguas minoritárias.

É pela afirmação da diferença que se previne a tentação da superioridade nacional. Não podemos falar todos a mesma língua, mas os filmes, o desporto, a música e as revistas são exemplos de factores unificadores. A «solução», no entender de Cronin (2003: 42-76), parece passar por usar o fenómeno de localização para despolitizar este fenómeno no mundo moderno. Para este, no dizer de Terenas (2008: 50), «a globalização torna a tradução apenas invisível aos olhos do público». Esta autora (2008: 51) apela a que uma «revisão do estatuto do tradutor» procure consolidar «a sua presença activa em qualquer diálogo interlinguístico e intercultural».

Resta-me a esperança que o intérprete simultâneo, como agente subversivo *malgré lui même*, tanto possa ser um agente da globalização como do seu contrário. Porque a razão de ser das duas ópticas é, afinal, paradoxal e subversiva. Como o ser humano.

Com imaginação, tudo poderá ser objecto de crítica construtiva. Um trabalho de interpretação será sempre um trabalho inacabado que não compensa uma má tradução.

É um caminho, baseado numa confiança passada onde construimos os nossos próprios glossários.

A meu ver, o cliente tem (quase) sempre razão, mas é entre os nossos pares e associações profissionais que se poderá estabelecer o juízo reflexivo mais curial e abalizado, representando uma nova oportunidade para aprender – motivo primordial da apresentação deste trabalho de projecto, em sede própria. Luta-se contra o cansaço – equívoco da nunca desejada traição – até ao fim, para não defraudar as expectativas do cliente e dos nossos pares, em paralelo.

Coube-me a tarefa de evitar ser demasiado tolerante comigo mesmo. Restou o direito a uma opinião, com base numa experiência profissional.



## BIBLIOGRAFIA

Bauman, Zygmunt. *Globalização: As Consequências Humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

[http://xa.yimg.com/kq/groups/15187580/1211732601/name/Globalizao -  
\\_As\\_Consequencias\\_H.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/15187580/1211732601/name/Globalizao_-_As_Consequencias_H.pdf) Web 10 Janeiro 2014

Bielsa, Esperanca. *Globalization as Translation: An Aproximation to the Key but Invisible Role of Translation in Globalization*. CSGR Working Paper No 163/05, 2005. [http://wrap.warwick.ac.uk/1956/1/WRAP\\_Bielsa\\_wp16305.pdf](http://wrap.warwick.ac.uk/1956/1/WRAP_Bielsa_wp16305.pdf) Web 7 Janeiro 2014

Cronin, Michael. *Translation and Globalization*. London/New York: Routledge, 2003. 42-76.

<http://www.ewidgetsonline.net/dxreader/Reader.aspx?token=f0561442085040478ed74cdcfb41d4ff&rand=344046440&buyNowLink=&page=&chapter=> Web 15 Dezembro 2014.

Diriker, Ebru. "Conference Interpreting, Sociocultural Perspectives". In Mona Baker and Gabriela Saldanha (eds), *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Oxford/New York: Routledge, 2009 (1998). 56-59.

Ghorra-Gobin, Cynthia. *Dicionário das Mundializações*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

Gile, Daniel. "Conference Interpreting, Historical and Cognitive Perspectives". In Mona Baker and Gabriela Saldanha (eds), *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Oxford/New York: Routledge, 2009 (1998). 51-56.

Jakobson, Roman. "On Linguistic Aspects of Translation". In Lawrence Venuti (ed), *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2000. 113-118.

Jones, Roderick. *Conference Interpreting Explained*. Manchester: St Jerome Publishing, 2002 (1998).

Kalina, Sylvia. "Quality in Interpreting and its prerequisites. A framework for a Comprehensive review". In Giuliana Garzone and Maurizio Viezzi (eds), *Interpreting in the 21<sup>st</sup> Century*. Amsterdam&Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. 121-132.

[http://books.google.pt/books?id=UgsbX4OqPzkC&pg=PA121&lpg=PA121&dq=sylvia+Kalina+quality+in+interpreting&source=bl&ots=nT2eFc9V0o&sig=E5Ag\\_bG59d3ByRc\\_MgfK8PUKiXI&hl=pt-PT&sa=X&ei=CfphU-3AOqfV0QWE5ICYCQ&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=sylvia%20Kalina%20quality%20in%20interpreting&f=false](http://books.google.pt/books?id=UgsbX4OqPzkC&pg=PA121&lpg=PA121&dq=sylvia+Kalina+quality+in+interpreting&source=bl&ots=nT2eFc9V0o&sig=E5Ag_bG59d3ByRc_MgfK8PUKiXI&hl=pt-PT&sa=X&ei=CfphU-3AOqfV0QWE5ICYCQ&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=sylvia%20Kalina%20quality%20in%20interpreting&f=false) Web 16 Janeiro 2013

Matias, Maria H. "Sopa de Letras – Uma Impossível Receita para Formar Intérpretes de Conferência?". In *Polissema. Revista de Letras do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto*. Porto: 2004 / N°4. 155-166

[http://www.si.iscap.ipp.pt/~www\\_poli/PoliDIGITAL/Polissema4.pdf](http://www.si.iscap.ipp.pt/~www_poli/PoliDIGITAL/Polissema4.pdf) Web 15 Janeiro 2014

Matos, A. Maria. *Interpretação, Tradução e Serviço Público: A Directiva 2010/64/EU na União Europeia e em Portugal*. Trabalho de Projecto de Mestrado em Tradução. FCSH, UNL, 2013.

Palazchenko, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: the Memoir of a Soviet Interpreter*. Pennsylvania: Penn State Press, 1997.  
[http://books.google.pt/books?id=4QhNGxdtIIC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=4QhNGxdtIIC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false) Web 5 Janeiro 2014

Professor Franz Pöchhacker interviewed at Critical Link #CL7  
<http://www.youtube.com/watch?v=a5hKUblAL5w> Web 6 Abril 2013

Ramos, Iolanda. “Undemonizing the other: Intersemiotic Translation, Contrastive Pragmatics and the Search for the Cross-Cultural Self”. Separata de: *30º Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2011.

Reiss, Katharina. *Translation Criticism – The Potentials and Limitations. Categories and Criteria for Translation Quality Assessment*. Trad. Erroll F. Rhodes. Manchester: St. Jerome Publishing, 2000.

Ricouer, Paul. *Teoria da Interpretação. O Discurso e o Excesso de Significação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2013.

Robbins, James. *Translation Trouble at Top Level Talks*. BBC Radio 4  
[http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/3426257.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/3426257.stm) Web 4 Fevereiro 2014

Terenas, Gabriela G. “O Estatuto do Tradutor e o Diálogo Entre Culturas”. In *Atas do XI Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2008. 46-53.  
<http://www.unilat.org/Library/Handlers/File.ashx?id=3adb20b7-b4b0-4c54-9539-9621707a172c> Web 10 Janeiro 2014

The Nobel Peace Prize 2012 European Union (EU)  
[http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/peace/laureates/2012/eu-lecture\\_en.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/2012/eu-lecture_en.html) Web 20 Novembro 2013

Yule, George. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 2006 (1996).  
[http://abudira.files.wordpress.com/2012/01/pragmatics\\_oxford\\_introductions\\_to\\_language\\_study\\_2.pdf](http://abudira.files.wordpress.com/2012/01/pragmatics_oxford_introductions_to_language_study_2.pdf) Web 9 Dezembro 2013

## **ANEXO A**

### **Interpretações e Transcrições: TC 1 e TP 1**

# TC 1

## **Em representação da União Europeia (UE), Herman Van Rompuy, Presidente do Conselho Europeu**

«Vossas Majestades,  
Vossas Altezas Reais,  
Chefes de Estado e Governos (1),  
Membros do Comité Norueguês do Prémio Nobel,  
Excelências,  
Minhas Senhoras e meus Senhores,

É com humildade e gratidão que aqui estamos, juntos, para receber este prémio em nome da União Europeia.

Num tempo de incerteza, este dia lembra às pessoas por toda a Europa e pelo mundo dos objectivos (2) primordiais da União: (3) promover a fraternidade entre as nações europeias, agora e no futuro.

É todo um trabalho de hoje que (4) foi também um trabalho de gerações que nos precederam (5).

E será o trabalho de gerações que nos seguirão (6).

Aqui em Oslo, quero homenagear todos os europeus que sonharam (7) um continente onde a paz existisse e a todos que, dia após dia, fizeram com que esse sonho se tornasse realidade.

Este prémio pertence-lhes.(8) Pertence-lhes este prémio, também

\*\*\*\*\*

A Guerra é tão velha (9) como a Europa. O nosso continente tem as cicatrizes de espadas, canhões, armas, trincheiras, tanques e mais ainda (10).

Esta tragédia ainda ressoa nas palavras de Heródoto, há 25 séculos atrás. Na paz onde tudo se deve gerar (11).

Assim, (12) ... (13) atravessámos duas guerras terríveis e o mundo finalmente chegou à paz (14), nomeadamente na Europa (15).

Nesses dias cinzentos, as cidades estavam em ruínas, os corações de muitos ainda ressoavam com bastante ressentimento (16) e culpa. (17) Como alguém (18) já disse «reganhar as simples alegrias e esperanças que fizeram com que a vida valesse a pena ser vivida»

Em criança, nascido na Bélgica, pouco depois da Guerra, ouvi as histórias em primeira mão.

A minha Avó falava da Grande Guerra.

E em 1940, o meu pai, com setenta anos (19) teve de dar o seu contributo (20). Foi para fora (21); ou, então, eu não estaria aqui, hoje.

Minhas Senhoras e meus Senhores, quão corajoso ele (22) foi para os fundadores da Europa dizer: sim, sim eu consigo quebrar este ciclo interminável de guerras, podemos de facto construir um futuro brilhante, em conjunto. Que poder de imaginação!

\*\*\*\*\*

Excelências

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Claro que a paz talvez tenha chegado à Europa sem a União. Talvez. Nunca saberemos. Mas nunca teria sido da mesma qualidade: uma paz duradoura e não apenas um débil cessar fogo.

Para mim, o que a faz tão especial é a reconciliação em si (23).

Na política, tal como na vida, a reconciliação é o mais difícil de atingir. Vai para além do perdão e do esquecimento ou, simplesmente, do virar da página.

Pensar no que a França e a Alemanha atravessaram... e, depois, tomar este passo ...

Assinando um Tratado de Amizade... Cada vez que eu ouço estas palavras –

*Freundschaft, Amitié*, Amizade –, fico emocionado. Com orgulho, (24) não de tratados entre nações mas da vontade em não deixar que a história se repita, fazer algo radicalmente novo. E de uma forma tão forte que novas palavras tiveram de ser encontradas.

Para as pessoas, a Europa foi uma promessa. A Europa com igualdade à esperança (25).

Quando Konrad Adenauer veio a Paris, para concluir o Tratado de Carvão e Aço, em 1951, uma noite, ele encontrou um presente à sua espera no hotel. Era uma medalha de Guerra, uma cruz de Guerra que tinha pertencido a um soldado francês. E a sua filha, uma jovem estudante, tinha-a deixado com uma pequena nota para o Chanceler como gesto de reconciliação e esperança.

Consigo ver muitas outras imagens (26) como estas.

Líderes dos seis Estados reunidos para abrir um novo futuro, em Roma, cidade eterna... Willy Brandt em Varsóvia (27).

Gdansk e os seus estaleiros (28).

Mitterrand e Kohl de mãos dadas.

Dois milhões de pessoas em Talin (29) e Vilnius, numa cadeia humana, em 1989.

Estes momentos curam a Europa (30).

Estes gestos simbólicos por si só não podem cimentar a paz.

Mas é aqui que a União Europeia com a sua ‘arma secreta’ têm de entrar em jogo, de modo a juntar os interesses de uma forma tão firme que a guerra se torne materialmente impossível. Com constantes negociações (31), com cada vez mais tópicos a ser discutidos, com um cada vez maior número de países (32). Tal como Jean Monnet falou, em francês: « É melhor lutar à volta de uma mesa do que no campo de batalha » Se eu tivesse de explicar a Alfred Nobel, eu diria: não seria apenas um congresso de paz, mas um congresso de paz perpétua!

Alguns aspectos podem ser assombrosos e não apenas para as pessoas de fora.

Ministros de países (33) discutem a quota de pesca.

Os parlamentares (34) da Escandinávia debatendo o preço do azeite.

A União aperfeiçoou a arte do compromisso. Não há dramas, nem vitórias, nem derrotas, garantindo que todos os países se tornem vitoriosos das suas conversações.

Estas políticas enfadonhas são apenas um pequeno preço a pagar...

\*\*\*\*\*

Senhoras e Senhores,

Funcionou.

A paz é agora auto-evidente (35).

A guerra tornou-se inconcebível.

No entanto, tal não significa que seja impossível.

E é por isso que estamos aqui reunidos.

A Europa tem de manter a sua promessa de paz.

Acredito que isso ainda é o nosso objectivo primordial.

Mas a Europa já não pode confiar nesta promessa em exclusivo, de modo a inspirar os seus cidadãos. De uma forma (36), é uma coisa boa; as memórias de guerra estão a desvanecer-se.

Se é que não estão já por todo o lado (37).

A União Soviética e a Europa de leste, há duas décadas atrás (38).

Horrendos massacres aconteceram nos Balcãs, pouco tempo depois. As crianças que nasceram no tempo de Srebrenica (39), que só terão dezoito anos no ano seguinte (40), já têm pequenos irmãos (41) que nasceram depois dessa guerra: a primeira geração pós-guerra da Europa. Isto tem de permanecer assim.

Senhores Presidentes, Senhores Primeiros-Ministros,  
Excelências,

Portanto, quando (42) havia guerra, agora há paz. Mas uma outra tarefa histórica, agora, está na nossa frente (43) : manter a paz onde ela já existe. Depois (44), a história não é um romance, um livro que se possa fechar com um final feliz. Permanecemos extremamente responsabilizados por tudo o que ainda se avizinha.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Isto não deverá ser colocado mais claro do que agora, quando fomos atingidos pela pior crise financeira (45) em duas gerações, causando grande amargura entre os nossos povos e colocando as fronteiras políticas à prova.

Os pais procurando viver com os poucos meios que têm (46), (47), estudantes que receiam que, por muito que tentem, nunca irão conseguir obter o seu primeiro emprego, quando pensam na Europa, a paz não é o primeiro aspecto que vem à sua mente ...

Quando a prosperidade e o emprego estão ameaçados, é perfeitamente natural os nossos corações estreitarem os seus interesses (48), virarmos-nos para preconceitos e estereótipos e não em decisões conjuntas (49). O simples facto de decidir em conjunto pode ser colocado em dúvida.

E enquanto tivermos de ter um sentido de proporção, estas tensões não nos deverão levar ao tempo da escuridão do passado que testou a Europa. Aquilo que a Europa actualmente atravessa e encara é real.

Se posso pedir emprestadas (50) as palavras de Abraham Lincoln, num tempo de outros testes continentais, o que foi avaliado hoje foi "se qualquer União assim concebida pode garantir o futuro".

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Se tivermos confiança, seremos bem sucedidos (51). Estamos a lutar muito arduamente (52) para ultrapassar dificuldades, para restaurar o desenvolvimento (53) e a geração de emprego.

Isso é uma necessidade ingente. Mas há mais no que nos guia; a vontade de dominarmos o nosso próprio destino, um sentido de união ,...e, de certa forma, falando a nós mesmos, (54) a ideia da Europa em si mesma.

A presença de tantos líderes europeus aqui, hoje, sublinha a nossa convicção comum de que sairemos disto juntos, em conjunto e mais fortes. Suficientemente fortes no mundo para defender os nossos interesses e promover os nossos valores.

Todos trabalhamos para deixar uma Europa melhor para as crianças de hoje e de amanhã. Para que, mais tarde, possam julgar-nos. Essa geração, a nossa, preservou a promessa da Europa.

Hoje, a juventude já está a viver num mundo novo. Para eles, a Europa é uma realidade diária, não algo estrito (55). A riqueza de ser capaz de, de uma forma livre, partilhar essa liberdade, num continente, experiências, partilhar um futuro.

Excelências,

Minhas senhoras e meus Senhores,

O nosso continente conseguiu erguer-se (56) das cinzas após 1945 e reunir-se em 1989, com a capacidade grande de se reinventar. E o mesmo deverá suceder à próxima geração: levar esta aventura comum mais para a frente (57). Espero que consigam apreender (58) esta responsabilidade com orgulho. E que sejam capazes de dizer tal como nós aqui,

hoje: *Ich bin ein Europäer*. (59) (Eu sou um europeu, em alemão, citando a frase de Kennedy) *Je suis fier d'être européen*. (em francês). Tenho orgulho em ser Europeu.

.....

**Em representação da União Europeia (UE), José Manuel Durão Barroso,  
Presidente da Comissão Europeia**

Vossas Majestades,

Excelências,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

"A paz não é a mera ausência de guerra (60)", tal como escreveu Spinoza: "Pax enim non belli privatio, sed virtus est". E ele adicionou: é "um estado de espírito, é uma posição de benevolência, de confiança, de justiça".

De facto, não poderá haver paz verdadeira senão quando as pessoas estiverem confiantes, garantindo que os seus direitos básicos serão respeitados (61).

A União Europeia não tem apenas a ver com a paz entre as nações. Encarna esse projecto político, esse estado de espírito em particular que Espinosa referiu (62).

Incorpora uma comunidade de valores que esta visão de liberdade e de justiça constituiu.

Eu lembro-me, vivamente, em 1974, de estar numa multidão, descer as ruas na minha Lisboa nativa (63), em Portugal, a celebrar a revolução democrática da liberdade (64). Esta motivação (65) foi experimentada pela mesma geração, em Espanha e na Grécia. E mais tarde na Europa Central (66) e nos Estados Balcânicos, quando reganharam (67) a sua independência. Várias gerações de europeus mostraram, vezes sem conta que as suas lutas na Europa eram lutas pela liberdade.

Lembro-me de Rostropovich, tocando Bach (68), após a queda do muro de Berlim, em Berlim, lembrando ao mundo que era uma luta pela democracia e pela liberdade e que conseguiu abolir as velhas divisões e tornou possível a reunificação do continente.

Juntando-se à União Europeia, tal constituiu uma consolidação dos nossos países porque coloca a dignidade pessoal no seu núcleo, porque dá uma voz à diversidade, enquanto cria unidade. E, portanto, após a reunificação, a Europa conseguiu respirar com os seus dois pulmões, tal como Karol Wojtila referiu. A Europa (69) tornou-se a nossa casa comum. O «lar de todos os lares», tal como escreveu Vaclav Havel.

A nossa União é mais do que uma associação de Estados. É uma nova ordem legal que não se baseia no equilíbrio de poderes mas no conceito livre de partilhar soberania.

Desde a abolição de fronteiras internas e os acordos em relação ao aço (70), tudo isto foi uma jornada notável que nos levou a uma Europa que não se fecha (71). E, hoje, um dos símbolos mais visíveis da nossa unidade está nas mãos de todos: o Euro, a moeda única. Vamos lutar por ela.

\*\*\*\*

Excelências,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

A paz não pode assentar apenas na boa vontade dos homens. Precisa de assentar num corpo de leis, em interesses comuns e num sentido profundo de comunidades de destinos.

O génio dos seus fundadores assentou precisamente que para compreender o futuro as nações tinham de pensar para além dos seus próprios países, tal como Walter Hallstein, o primeiro Presidente da Comissão Europeia referiu (em alemão): "Das System der Nationalstaaten hat den wichtigsten Test des 20. Jahrhunderts nicht bestanden ("O Sistema das nações-Estado falhou a tarefa (72) mais importante do século XX"). E

adicionou " através de duas guerras mundiais e foi incapaz de preservar a paz após as mesmas."

Este carácter único do projecto europeu assenta em conseguir combinar a legitimidade dos estados democráticos com a legitimidade das instituições supranacionais: a Comissão Europeia, o Tribunal Europeu de Justiça. Entidades supranacionais que protegem o interesse europeu, defendendo o bem comum e incorporando a comunidade de destinos. E em conjunto com o Conselho Europeu, onde os governos estão representados, temos, ao longo dos anos, desenvolvido uma democracia transnacional simbolizada pelo parlamento europeu, directamente votado (73).

Claro que não é uma obra de arte perfeita. É um trabalho que está em progresso (74), precisa de apoio constante. Não é um fim em si, mas um meio para fins mais elevados. Em muitos aspectos, um teste (75) para uma ordem cosmopolita, por exemplo, temos de lidar com laços comuns e partilhar valores universais.

\*\*\*\*\*

É por isso que, apesar das suas imperfeições, pode ser – e é – uma poderosa inspiração no mundo. Porque os desafios que se encontram de uma região a outra podem ser diferentes em escala, mas não são diferentes na sua natureza.

Todos partilhamos o mesmo planeta. Pobreza, crime organizado, terrorismo, alterações climáticas: isto são problemas que transcendem as fronteiras nacionais. Partilhamos os mesmos valores universais, inspirações que progressivamente se enraízam num número crescente de países, no mundo inteiro. Partilhamos a necessidade irredutível do ser humano (76). Para além das nossas nações, dos nossos continentes, somos todos parte de uma humanidade.

Jean Monnet, termina as suas memórias com estas palavras (em francês): "Les nations souveraines du passé ne sont plus le cadre où peuvent se résoudre les problèmes du présent. Et la communauté elle-même n'est qu'un étape vers les formes d'organisation du monde de demain." ("As nações soberanas do passado já não podem salvar (77) os problemas do presente. E a comunidade em si é apenas um estágio para o caminho (78) de organizar o mundo no futuro .")

Este federalista, com uma visão cosmopolita, foi uma das pessoas que mais contribuiu para uma União Europeia em progresso.

Excelências,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

O compromisso da União Europeia no mundo está profundamente enraizado na tragédia dos nossos continentes, no que respeita ao nacionalismo extremo, guerras e à perfídia da Shoah. Inspira-se no desejo de evitar os mesmos erros, novamente.

É essa a fundação (79) da nossa abordagem multilateral para uma globalização baseada nos princípios de solidariedade global e responsabilidade global; entre todos os países e todos os parceiros do Médio Oriente, da Ásia, de África até às Américas;

Define a nossa posição contra a pena de morte e o nosso apoio pela justiça internacional consubstanciada pelo Tribunal Europeu de Justiça (80);

Motiva a nossa liderança contra as alterações climáticas, a favor da alimentação e segurança (81); o desarmamento, contra o armamento nuclear (82); contra a devastação (83). Queremos uma das economias mais fortes, (84), o maior doador do mundo, temos responsabilidades perante milhões de pessoas com necessidades.

No século XXI, é simplesmente inaceitável ver os pais sem poder perante as suas crianças morrer sem assistência médica, assassinios, pessoas sem água corrente, rapazes e raparigas privados da sua meninice porque se tornam adultos antes do tempo.



Como comunidade de nações que ultrapassou as guerras e o totalitarismo, estaremos sempre do lado daqueles que lutam pela paz e pela dignidade humana. E deixem-me dizer-vos aqui, hoje: a situação presente na Síria está na consciência mundial e a comunidade internacional tem o dever moral de se debruçar sobre a mesma (85).

E tal como hoje marca o dia internacional dos direitos humanos, mais do que nalgum outro dia, os nossos pensamentos vão para os todos defensores de direitos humanos no mundo inteiro que poem as suas vidas em risco para defender os valores que nós prezamos. E nenhum prisioneiro de Guerra pode silenciar a sua voz. Nós ouvimo-los aqui. Conseguimos ouvir os prisioneiros de Guerra, neste momento (86),

Igualmente lembramos, aquele ano, neste mesmo pódio: três mulheres foram honradas pela luta pelos direitos humanos das mulheres, em luta pela igualdade entre as mulheres e os homens (87). Lembramos o Tratado de Roma, em 1957. Estamos envolvidos para lutar a favor dos direitos das mulheres ao longo do mundo inteiro e apoiar as mulheres nos parlamentos (88). E prezamos os direitos fundamentais daqueles que são os mais vulneráveis e que detêm o futuro nas suas mãos: as crianças deste mundo.

Como exemplo bem sucedido de reconciliação pacífica baseado em integração económica, contribuimos para desenvolver novas formas de cooperação assentes na troca de ideias, inovação e investigação. A ciência e a cultura estão no núcleo da abertura europeia, enriquecendo-nos como indivíduos e criando laços, para além das fronteiras.

\*\*\*

Vossas Majestades,  
Altezas Reais,  
Chefes de Estado e de Governos,  
Membros do Comité Norueguês do Prémio Nobel,  
Excelências,  
Minhas Senhoras e meus Senhores,

(89) Estou grato ao Comité Nobel. Não há melhor local para partilhar a nossa visão do que aqui, na Noruega, um país que já deu tanto à causa da paz global.

A "pacificação da Europa" estava no coração das preocupações de Alfred Nobel. Na única versão da sua vontade (90), ele criou-a com vista á paz internacional.

E aqui ressoam as palavras da Declaração de Schuman, o document fundador da União Europeia. "*La paix mondiale*" (em francês). "A paz mundial não pode ser garantida sem a realização de efeitos criativos proporcionais aos perigos que a ameaçam."

A minha mensagem é: vocês podem contar com o nosso esforço criativo para lutar por uma paz duradoura, pela liberdade e pela justice, na Europa e no Mundo.

Durante os últimos sessenta anos, o projecto europeu mostrou que é possível, para as pessoas e para as nações, juntarem-se para além da fronteiras. Que é possível ultrapassar as diferenças entre «eles» e «nós».

E aqui, hoje, a nossa esperança, o nosso envolvimento (91), o nosso compromisso perante os homens e mulheres de boa vontade, a Europa pode ajudar o Mundo a contruir-se em nome da justiça, pela liberdade, pela paz.

Obrigado.»

# TP 1

## Nobel Lecture

Nobel Lecture by the European Union (EU), Herman Van Rompuy, President of the European Council and José Manuel Durão Barroso, President of the European Commission, Oslo, 10 December 2012.

## President Van Rompuy

«Your Majesties,  
Your Royal Highnesses,  
Heads of State and Government (1),  
Members of the Norwegian Nobel Committee,  
Excellencies,  
Ladies and Gentlemen,

It is with humility and gratitude that we stand here together, to receive this award on behalf of the European Union.

At a time of uncertainty, this day reminds people across Europe and the world of the Union's fundamental purpose (2): to further the fraternity (3) between European nations, now and in the future.

It is our work today (4) .

It has been the work of generations before us (5).

And it will be the work of generations after us (6).

Here in Oslo, I want to pay homage to all the Europeans who dreamt (7) of a continent at peace with itself, and to all those who day by day make this dream a reality.

This award belongs to them (8).

\*\*\*\*\*

War is as old as Europe (9). Our continent bears the scars of spears and swords, canons and guns, trenches and tanks, and more (10).

The tragedy of it all resonates in the words of Herodotus, 25 centuries ago: "In Peace, Sons bury their Fathers. In War, Fathers bury their Sons." (11)

Yet (12),... after (13) two terrible wars engulfed the continent and the world with it, ... finally lasting (14) peace came to Europe (15).

In those grey days, its cities were in ruins, the hearts of many still simmering with mourning and resentment (16). How difficult it then seemed (17), as Winston Churchill (18) said, "*to regain the simple joys and hopes that make life worth living*".

As a child born in Belgium just after the war, I heard the stories first-hand.

My grandmother spoke about the Great War.

In 1940, my father, then seventeen (19), had to dig his own grave (20). He got away (21); otherwise I would not be here today.

Ladies and Gentlemen, what a bold bet it (22) was, for Europe's Founders, to say, yes, we can break this endless cycle of violence, we can stop the logic of vengeance, we can build a brighter future, together. What power of the imagination!

\*\*\*\*\*

Excellences,  
Ladies and Gentlemen,

Of course, peace might have come to Europe without the Union. Maybe. We will never know. But it would never have been of the same quality. A lasting peace, not a frosty cease-fire.

To me, what makes it so special, is reconciliation (23).

In politics as in life, reconciliation is the most difficult thing. It goes beyond forgiving and forgetting, or simply turning the page.

To think of what France and Germany had gone through ..., and then take this step ... Signing a Treaty of Friendship ... Each time I hear these words – *Freundschaft, Amitié* –, I am moved. (24) They are private words, not for treaties between nations. But the will to not let history repeat itself, to do something radically new, was so strong that new words had to be found.

For people Europe was a promise, Europe equalled hope (25).

When Konrad Adenauer came to Paris to conclude the Coal and Steel Treaty, in 1951, one evening he found a gift waiting at his hotel. It was a war medal, *une Croix de Guerre*, that had belonged to a French soldier. His daughter, a young student, had left it with a little note for the Chancellor, as a gesture of reconciliation and hope.

I can see many other stirring images (26) before me.

Leaders of six States assembled to open a new future, in Rome, *città eterna* ... Willy Brandt kneeling down in Warsaw (27).

The dockers of Gdansk, at the gates of their shipyard (28).

Mitterrand and Kohl hand in hand.

Two million people linking Tallinn to Riga to Vilnius in a human chain (29), in 1989.

These moments healed Europe (30).

But symbolic gestures alone cannot cement peace.

This is where the European Union's "secret weapon" comes into play: an unrivalled way of binding our interests so tightly that war becomes materially impossible. Through constant negotiations (31), on ever more topics, between ever more countries (32). It's the golden rule of Jean Monnet: "*Mieux vaut se disputer autour d'une table que sur un champ de bataille*." ("Better fight around a table than on a battle-field.")

If I had to explain it to Alfred Nobel, I would say: not just a peace congress, a *perpetual* peace congress!

Admittedly, some aspects can be puzzling, and not only to outsiders.

Ministers from landlocked countries (33) passionately discussing fish-quota.

Europarlamentarians (34) from Scandinavia debating the price of olive oil.

The Union has perfected the art of compromise. No drama of victory or defeat, but ensuring all countries emerge victorious from talks. For this, boring politics is only a small price to pay ...

\*\*\*\*\*

Ladies and Gentlemen,

It worked.

Peace is now self-evident (35).

War has become inconceivable.

Yet 'inconceivable' does not mean 'impossible'.

And that is why we are gathered here today.

Europe must keep its promise of peace.

I believe this is still our Union's ultimate purpose.

But Europe can no longer rely on this promise alone to inspire citizens. In a way (36), it's a good thing; war-time memories are fading.

Even if not yet everywhere (37).

Soviet rule over Eastern Europe ended just two decades ago (38).

Horrendous massacres took place in the Balkans shortly after. The children born at the time of Srebrenica (39) will only turn eighteen next year (40).

But they already have little brothers and sisters (41) born after that war: the first *real* post-war generation of Europe. This must remain so.

Presidents, Prime Ministers,

Excellencies,

So, where there was war (42), there is now peace. But another historic task now lies ahead of us (43) : keeping peace where there is peace. After all (44), history is not a novel, a book we can close after a Happy Ending: we remain fully responsible for what is yet to come.

Ladies and Gentlemen,

This couldn't be more clear than it is today, when we are hit by the worst economic crisis (45) in two generations, causing great hardship among our people, and putting the political bonds of our Union to the test.

Parents struggling to make ends meet (46), workers recently laid off (47), students who fear that, however hard they try, they won't get that first job: when *they* think about Europe, peace is not the first thing that comes to mind ...

When prosperity and employment, the bedrock of our societies, appear threatened, it is natural to see a hardening of hearts, the narrowing of interests (48), even the return of long-forgotten fault-lines and stereotypes (49). For some, not only joint decisions, but the very fact of deciding jointly, may come into doubt.

And while we must keep a sense of proportion – even such tensions don't take us back to the darkness of the past –, the test Europe is currently facing is real.

If I can borrow (50) the words of Abraham Lincoln at the time of another continental test, what is being assessed today is "*whether that Union, or any Union so conceived and so dedicated, can long endure*".

Ladies and Gentlemen,

We answer with our deeds, confident we will succeed (51). We are working very hard (52) to overcome the difficulties, to restore growth (53) and jobs.

There is of course sheer necessity. But there is more that guides us: the will to remain masters of our own destiny, a sense of togetherness, and in a way ... speaking to us from the centuries (54)... the idea of *Europa* itself.

The presence of so many European leaders here today underlines our common conviction: that we will come out of this together, and stronger. Strong enough in the world to defend our interests and promote our values.

We all work to leave a better Europe for the children of today and those of tomorrow.

So that, later, others might turn and judge: that generation, *ours*, preserved the promise of Europe.

Today's youth is already living in a new world. For them Europe is a daily reality. Not the constraint of being in the same boat (55). No, the richness of being able to freely share, travel and exchange. To share and shape a continent, experiences, a future.

Excellencies,

Ladies & Gentlemen,

Our continent, risen from (56) the ashes after 1945 and united in 1989, has a great capacity to reinvent itself. It is to the next generations to take this common adventure further (57). I hope they will seize (58) this responsibility with pride. And that they will be able to say, as we here today: *Ich bin ein Europäer* (59). *Je suis fier d'être européen*. I am proud to be European.

\*\*\*\*\*

## President Durão Barroso

Your Majesties,

Excellencies,

Ladies and Gentlemen,

"Peace is not mere absence of war, it is a virtue" (60), wrote Spinoza: "*Pax enim non belli privatio, sed virtus est*". And he added it is "*a state of mind, a disposition for benevolence, confidence, justice*".

Indeed, there can only be true peace if people are confident. At peace with their political system. Reassured that their basic rights are respected (61).

The European Union is not only about peace among nations. It incarnates, as a political project, that particular state of mind that Spinoza was referring to (62). It embodies, as a community of values, this vision of freedom and justice.

I remember vividly in 1974 being in the mass of people, descending the streets in my native Lisbon (63), in Portugal, celebrating the democratic revolution and freedom (64).

This same feeling of joy (65) was experienced by the same generation in Spain and

Greece. It was felt later in Central and Eastern Europe (66) and in the Baltic States

when they regained (67) their independence. Several generations of Europeans have shown again and again that their choice for Europe was also a choice for freedom.

I will never forget Rostropovich playing Bach at the fallen Wall (68) in Berlin. This image reminds the world that it was the quest for freedom and democracy that tore down the old divisions and made possible the reunification of the continent. Joining the European Union was essential for the consolidation of democracy in our countries.

Because it places the person and respect of human dignity at its heart. Because it gives a voice to differences while creating unity. And so, after reunification, Europe was able to breathe with both its lungs, as said by Karol Wojtyła. The European Union (69) has become our common house. The "homeland of our homelands" as described by Vaclav Havel.

Our Union is more than an association of states. It is a new legal order, which is not based on the balance of power between nations but on the free consent of states to share sovereignty.

From pooling coal and steel, to abolishing internal borders (70), from six countries to soon twenty-eight with Croatia joining the family (71) this has been a remarkable European journey which is leading us to an "ever closer Union". And today one of the most visible symbols of our unity is in everyone's hands. It is the Euro, the currency of our European Union. We will stand by it.

\*\*\*\*

Your Excellencies,

Ladies and Gentlemen,

Peace cannot rest only on the good will of man. It needs to be grounded on a body of laws, on common interests and on a deeper sense of a community of destiny.

The genius of the founding fathers was precisely in understanding that to guarantee peace in the 20th century nations needed to think beyond the nation-state. As Walter Hallstein, the first President of the European Commission said: "Das System der Nationalstaaten hat den wichtigsten Test des 20. Jahrhunderts nicht bestanden ("The system of sovereign nation-states has failed the most important test (72) of the 20th century"). And he added "through two world wars it has proved itself unable to preserve peace."

The uniqueness of the European project is to have combined the legitimacy of democratic States with the legitimacy of supranational institutions: the European Commission, the European Court of Justice. Supranational institutions that protect the general European interest, defend the European common good and embody the community of destiny. And alongside the European Council, where the governments are represented, we have over the years developed a unique transnational democracy symbolised by the directly elected (73) European Parliament.

Our quest for European unity is not a perfect work of art; it is work in progress (74) that demands constant and diligent tending. It is not an end in itself, but a means to higher ends. In many ways, it attests (75) to the quest for a cosmopolitan order, in which one person's gain does not need to be another person's pain; in which abiding by common norms serves universal values.

\*\*\*\*\*

That is why despite its imperfections, the European Union can be, and indeed is, a powerful inspiration for many around the world. Because the challenges faced from one region to the other may differ in scale but they do not differ in nature.

We all share the same planet. Poverty, organised crime, terrorism, climate change: these are problems that do not respect national borders. We share the same aspirations and universal values: these are progressively taking root in a growing number of countries all over the world. We share "*l'irréductible humain*", the irreducible (76) uniqueness of the human being. Beyond our nation, beyond our continent, we are all part of one mankind.

Jean Monnet, ends his *Memoirs* with these words: "Les nations souveraines du passé ne sont plus le cadre où peuvent se résoudre les problèmes du présent. Et la communauté elle-même n'est qu'un étape vers les formes d'organisation du monde de demain." ("The sovereign nations of the past can no longer solve (77) the problems of the present. And the [European] Community itself is only a stage (78) on the way to the organised world of the future.")

This federalist and cosmopolitan vision is one of the most important contributions that the European Union can bring to a global order in the making.

Your Excellencies,

Ladies and Gentlemen,

The concrete engagement of the European Union in the world is deeply marked by our continent's tragic experience of extreme nationalism, wars and the absolute evil of the Shoah. It is inspired by our desire to avoid the same mistakes being made again.

That is the foundation (79) of our multilateral approach for a globalisation based on the twin principles of global solidarity and global responsibility;

That is what inspires our engagement with our neighbouring countries and international partners, from the Middle East to Asia, from Africa to the Americas;

It defines our stance against the death penalty and our support for international justice embodied by the International Court of Justice and the International Criminal Court (80);

It drives our leadership in the fight against climate change and for food and energy security (81);

It underpins our policies on disarmament and against nuclear proliferation (82);

As a continent that went from devastation (83) to become one of the world's strongest economies, with the most progressive social systems (84), being the world's largest aid donor, we have a special responsibility to millions of people in need.

In the 21st century it is simply unacceptable to see parents powerless as their baby is dying of lack of basic medical care, mothers compelled to walk all day in the hope of

getting food or clean water and boys and girls deprived of their childhood because they are forced to become adults ahead of time.

As a community of nations that has overcome war and fought totalitarianism, we will always stand by those who are in pursuit of peace and human dignity.

And let me say it from here today: the current situation in Syria is a stain on the world's conscience **(85)** and the international community has a moral duty to address it.

And as today marks the international human rights day, more than any other day our thoughts go to the human rights' defenders all over the world who put their lives at risk to defend the values that we cherish. And no prison wall can silence their voice. We hear them in this room today **(86)**.

And we also remember that last year on this very podium three women were honoured for their non-violent struggle for the safety of women and for women's rights **(87)**. As a Union built on the founding value of equality between women and men, enshrined in the Treaty of Rome in 1957, we are committed to protecting women's rights all over the world and supporting women's empowerment **(88)**. And we cherish the fundamental rights of those who are the most vulnerable, and hold the future in their hands: the children of this world.

As a successful example of peaceful reconciliation based on economic integration, we contribute to developing new forms of cooperation built on exchange of ideas, innovation and research. Science and culture are at the very core of the European openness: they enrich us as individuals and they create bonds beyond borders.

\*\*\*

Your Majesties,

Your Royal Highnesses,

Heads of State and Government,

Members of the Norwegian Nobel Committee,

Excellencies,

Ladies and Gentlemen,

Humbled **(89)**, and grateful for the award of the Nobel Peace Prize, there is no better place to share this vision than here in Norway, a country which has been giving so much to the cause of global peace.

The "pacification of Europe" was at the heart of Alfred Nobel's concerns. In an early version of his will **(90)**, he even equated it to international peace.

This echoes the very first words of the Schuman Declaration, the founding document of the European Union. "La paix mondiale". "World Peace," it says, "cannot be safeguarded without the making of creative efforts proportionate to the dangers which threaten it."

My message today is: you can count on our efforts to fight for lasting peace, freedom and justice in Europe and in the world.

Over the past sixty years, the European project has shown that it is possible for peoples and nations to come together across borders. That it is possible to overcome the differences between "them" and "us".

Here today, our hope, our commitment **(91)** is that, with all women and men of good will, the European Union will help the world come together.

Thank you.»

## **ANEXO B**

### **Interpretações e Transcrições: TC 2 e TP 2**



## TC 2

**Jeroen Dijsselbloem:** (1) Muito obrigado pela sua hospitalidade. Hoje, para mim, foi extremamente bom e útil estar em Portugal e falar com o Presidente, o Primeiro-Ministro, com o Ministro Gaspar e também com os deputados do Parlamento. Claro que discutimos com muita frequência a crise (2) e é muito bom visitar Portugal e ouvir de viva voz, da parte dos políticos, de todos os que tomam uma parte activa neste processo (3), sobre a situação específica e sobre as dificuldades políticas e sociais que, claro, terão de ser abordadas. Tal como o Ministro Gaspar referiu, estamos agora na recta final, a finalizar o sétimo exame regular e, na base dessa (4), a decisão será tomada para permitir a Portugal mais um ano para chegar às metas, acordadas previamente. Claro que, na base do facto de que Portugal já se portou muito bem (5), ao lidar com os esforços estruturais necessários que lhe foram pedidos: esforços estruturais em termos do défice, mas também em termos de reformas estruturais. Portanto, no Eurogrupo, temos apreciado com grande satisfação este esforço, a economia exhibe problemas maiores do que previmos e, nessa base, daremos a Portugal mais tempo, no âmbito da sétima revisão (6). Claro que esperamos tomar uma decisão em Junho ligada às datas de vencimento das maturidades. Portugal vai ter mais tempo para pagar os empréstimos recebidos pelas instituições em causa (7). Nessa base, discutimos a cooperação que foi bastante frutífera - não só a nível pessoal - entre Portugal e o Eurogrupo como um todo. E todos os parceiros europeus estão prontos para ajudar Portugal, para apoiar Portugal, na medida do possível e, também, durante o próximo ano, em que Portugal fará uma entrada bem sucedida nos mercados financeiros (8). Portanto, mais uma vez, muito obrigado pela sua hospitalidade e pelas conversações bastante construtivas que levámos a cabo.

**Vítor Gaspar :** Obrigado pelo apoio que nos tem dado, no âmbito do Eurogrupo. Estamos agora disponíveis para responder a quatro perguntas, temos esperança que sejam duas perguntas para o Presidente do Eurogrupo e duas para mim. Serão realizadas e respondidas em inglês.

**Jornalista:** ...se a União Europeia considera metas mais flexíveis em relação ao défice...em relação à sétima avaliação, já está previsto dar mais tempo, relativo aos empréstimos? E, tendo em conta o desempenho económico da Europa com reflexo aqui em Portugal, a nível económico, considera que será necessário dar mesmo mais tempo a Portugal, tendo em conta também o calendário instável que temos vindo a viver ou haveria mais dificuldades para atingir estas metas?

**Jeroen Dijsselbloem:** Certo...

**Jornalista:** Discutiram este assunto?

**Jeroen Dijsselbloem:** Penso que é muito importante - o assunto das metas e dos programas - e claro que foram discutidos. É muito bom acordar sobre o que apenas foi estabelecido recentemente. Ajustámos o programa na base da sétima revisão e claro que

também foi feito um ajustamento na base das restrições constitucionais (9)...dentro do programa em causa. Penso que é muito importante, agora, de uma forma construtiva, com vista aos ajustamentos estruturais que são necessários. Não só em Portugal, mas pela Europa fora. As reformas estruturais têm de ser potenciadas em toda a Europa, para que se torne mais competitiva, se – e isto é também a linha que a Comissão Europeia tem vindo a seguir – na base destes esforços, em conformidade com os programas, para atingirmos as metas estruturais, se for necessário mais tempo, por causa de alguns contratempos económicos, isso poderá ser considerado na altura devida. Mas, na base do programa que foi agora acordado, penso que é a altura de continuar com o programa e corresponder às metas que foram acordadas. Talvez a flexibilidade seja necessária no final do programa.

Jornalista:...

**Vítor Gaspar:** Se me permite...

Jornalista: Sim.

**Vítor Gaspar:** Eu gostaria de elaborar sobre este mesmo ponto pois concordo plenamente neste assunto, mas quero deixar bem claro o que é que está em causa.

Número um: Acabámos de completar um acordo ao nível do pessoal com a Troika relativa à sétima revisão. O encerramento deste processo será atingido em Junho, nas reuniões entre os Ministros das Finanças e o Eurogrupo, com o Presidente (10) Jeroen Dijsselbloem and, como o Presidente deixou claro, é absolutamente essencial que esse acordo seja aceite e implementado pelas autoridades portuguesas. É absolutamente crucial para que o processo se possa concluir de forma bem sucedida. É o elemento número um.

Elemento número dois: o Presidente do Eurogrupo também sublinhou que já beneficiámos, no contexto das negociações da sétima avaliação, da nova política europeia que sublinhava bastante que o que é importante são as acções políticas (11) que são implementadas, portanto os limites (12) estão de acordo às alterações correspondentes a alterações do momento (13). Portanto, esta é a posição europeia, tal como foi sublinhada pelo vice-President Olly Rehn e esse é um princípio que foi aceite desde o início da sétima avaliação (14) da Troika. Quando começámos o nosso programa de ajustamento, o limite para o défice orçamental em 2013 era de 3% e agora foi alterado duas vezes para 5,5%, nesta fase. Portanto, há claramente circunstâncias que se modificaram e os limites do programa também tiveram que se alterar em conformidade (15).

Em terceiro lugar, temos conseguido, durante este período, reforçar a implementação do programa para constituir um registo de arquivo, com os nossos parceiros e com os mercados financeiros. Os resultados que fomos capazes de atingir baseiam-se naquilo que fomos capazes de atingir e que ficou registado devidamente. A abordagem europeia é exatamente tal qual foi colocada pelo Presidente do Eurogrupo: não podemos excluir

que seja necessária mais flexibilidade no futuro, mas, evidentemente, se houver circunstâncias que tornem necessário...Em termos de esforços políticos, depende de nós, em Portugal, cumprirmos a nossa parte do acordo e permitir os ajustamentos necessários que nos comprometemos a executar. Obrigado.

**Jornalista:** ...**(16)**,da RTP. Referiu aos Media, antes de vir a Portugal, que conhece a realidade do impacto do memorando em Portugal. Está marcado por uma crise económica **(17)** e também está a começar a iniciar-se uma **(18)** crise política...Queria perguntar-lhe se isto é algo que acontece em todos os países que foram resgatados, se é uma prova de que a austeridade na Europa pode ser a via errada?

**Jeroen Dijsselbloem:** Penso que temos de ser bastante precisos em relação a: qual é a estratégia do Eurogrupo? Qual é que tem sido? Consiste em três elementos.

Primeiro, consolidação fiscal. Temos de compreender que a Europa, com a sua estrutura económica, com a sua perspectiva económica e a sua população de trabalho **(19)** envelhecida está mergulhada em dívida **(20)**. Portanto, gradualmente, de forma sensata, temos de trabalhar nos défices governamentais. Esta é a parte número um.

E é isso que estamos a fazer agora. Tal como referi ainda há pouco, a Comissão Europeia está a provar ser bastante sábia, dizendo: se os países agirem em conformidade com os esforços estruturais que lhes são pedidos, sem **(21)** contratempos económicos, poder-se-á dar-lhes mais tempo. Portanto **(22)**, a consolidação fiscal é essencial e tem de continuar.

O segundo elemento da nossa estratégia é sem dúvida, as reformas estruturais. A Europa tem de se tornar mais competitiva. Temos de sair e aproveitar as oportunidades de negócios, aumentar as exportações, etc. Isto vais levar a muitas mudanças em países diferentes, mas todos têm que avançar com reformas estruturais e o mesmo se passa na Holanda, o meu país.

O terceiro elemento está também agora no topo das nossas propostas **(23)**: a União Bancária. A estratégia da Eurozona consiste nestes três elementos e nunca foi parcial ou preconceituosa em relação a nenhum dos aspectos. Também concordamos ambos, eu e o ministro Gaspar, em trazer a União Bancária o mais depressa possível para diante. Antes do Verão, no mês de Junho, penso que chegamos a acordo em relação à directiva e o ESM **(24)**, duas partes básicas para fazer com que os bancos estejam em melhor forma para poder lidar com a economia como deve ser.

**Jornalista:** Boa tarde. Vou fazer as minhas perguntas em português porque quero ter suficiente acuidade para esse efeito **(25)**.

**Jeroen Dijsselbloem:** Bem. São três perguntas. Vou tentar lembrar-me delas. Penso que a primeira era se houve algum pedido por parte do governo português para negociar os seus calendários e as suas metas. Não. Porque apenas completámos as conversações,

no âmbito da sétima avaliação e será dada possibilidade ao governo português no programa e agora o governo português está totalmente empenhado em trabalhar nessa base com os parceiros europeus e os parceiros europeus também estão totalmente empenhados a favor de Portugal, sempre que necessário (26). A segunda pergunta...E agora?...

**Vítor Gaspar:** A coligação portuguesa no governo (27).

**Jeroen Dijsselbloem:** Ah, não me diz respeito falar da vossa política local, mas os principais políticos estão devidamente esclarecidos sobre o que se passa, dentro e fora. Estão empenhados para (28) trabalhar com os parceiros europeus e estão determinados para sair da crise, com o apoio dos parceiros europeus. Portanto, não penso que o debate económico em Portugal seja uma ameaça para a abordagem do programa. Em todos os países...É claro que há debates sobre os elementos do programa, qual é a via correcta para ajustar o programa (29). Os países têm bastante que dizer a este respeito. Os parceiros europeus apenas vêem se o programa como um todo é credível, mas os elementos do programa podem ser decididos a nível nacional, pelos políticos nacionais e pelo governo português, em particular. Portanto, não tenho preocupações grandes a esse nível.

E a terceira pergunta era sobre a União Bancária. Estamos a avançar o mais depressa que podemos. Todo o projecto da União Bancária apenas se iniciou (30), em Dezembro do ano passado já acordámos um único mecanismo individual de supervisão. O BCE (31) vai iniciar-se no Verão do próximo ano e será usado para olhar para os balanços dos bancos e tornar os instrumentos bancários eficazes, com supervisão europeia nos bancos. Portanto, no próximo ano (32), há um início formal e queremos garantir ter todos os instrumentos e todas as garantias a postos para esse efeito.

**Vítor Gaspar:** Se me permite, Jeroen, em relação à União Bancária: tal como todos sabemos, a União Bancária é uma prioridade essencial para o governo português, este assunto da fragmentação nacional na zona euro é uma preocupação primordial para Portugal. Acreditamos que as firmas portuguesas estão a ser penalizadas, em termos do seu acesso a financiamento, o que tem consequências ao nível das suas perspectivas (33) e créditos, portanto no funcionamento adequado da zona euro. Portanto, do ponto de vista nacional (34), é de importância primordial que a evolução da União Bancária avance o mais depressa possível e quero dar-lhe os parabéns pela sua liderança para potenciar esta realização da forma mais eficaz possível.

Se me permite, agora, vou abordar alguns assuntos portugueses e vou continuar em português.

**Vítor Gaspar:**.....

*(De repente ocorre aqui repetição de uma parte da gravação, no original cedido pela RTP)*

**Jornalista:** Tenho uma pergunta para o Ministro Gaspar. O meu nome é (35)... da televisão holandesa. Há muitas pessoas furiosas (36) no sul da Europa considerando que o Sr Dijsselbloem é um assistente de Angela Merkel. Como encara isto? De uma forma conformista (37)?

**Vítor Gaspar:** Eu penso que é mais avisado não simplificar excessivamente, em relação à origem dessas simplificações. Eu acho que o Jeroen Dijsselbloem é um amigo e um parceiro, no que respeita às especificidades de Portugal. Jeroen tem sido de uma forma consistente um parceiro extremamente compreensivo, tentando facilitar o mais que pode que se encontrem soluções construtivas para Portugal. Portanto, definitivamente, olho para ele como um parceiro e como um amigo.

**Jornalista:** Muito obrigado. Há pessoas que já se sacrificaram bastante no passado, a propósito dos seus vencimentos, de uma forma bastante substancial, sacrificaram uma parte substancial dos seus ordenados, perderam empregos... Porque é que acha que podem ter alguma confiança no programa que discutiu com o senhor Dijsselbloem?

**Vítor Gaspar:** A forma como eu vejo é a seguinte: como o Jeroen sublinhou atrás, não há nenhuma dúvida que o processo de ajustamento no sul da Europa teve custos muito elevados.

Penso que as pessoas têm sido bastante sensíveis a perdas dos seus vencimentos, à descida dos ordenados, aumento de impostos. Mas, se perguntar às pessoas qual é a sua preocupação maior, eu penso que obterá uma resposta unânime. É o desemprego o maior problema e, em particular, ao nível da juventude. Nesta altura, em Portugal, o desemprego jovem corresponde a cerca de 40%. Nenhum país pode tolerar esses níveis de desemprego jovem durante muito tempo. E é por isso que, na Europa, encaramos a luta contra o desemprego jovem, a criação de empregos, como a nossa primeira prioridade.

Agora, como é que pensamos que isto irá funcionar? Acreditamos que, dada a profundidade da crise, era crucial, ter uma primeira fase em que tivéssemos estabilização financeira, consolidação orçamental. Primeira prioridade.

Uma vez obtido o nível de confiança e credibilidade chega o momento de partir para um estágio ulterior, onde o crescimento virá gradualmente mas, tal como referi anteriormente, tem de haver crescimento sustentável, bem sustentado, significando ser mantido ao longo do tempo. Apenas através de crescimento sustentável é que conseguimos ter bons empregos e melhores ordenados, num Portugal competitivo.

**Jornalista:** Obrigado.

## TP 2

**Vítor Gaspar** : Up to you, Jeroen.

**Jeroen Dijsselbloem**: Thank you, Minister Gaspar (1). Thank you for your hospitality. Today, for me, it is very good and useful to visit Portugal and speak to the President, the Prime-Minister, Mr Gaspar and also, this morning to members of Parliament. Of course we've discussed the economic crisis (2) very often in our Eurogroup and it's very good to visit Portugal and to hear from the people here, politicians who have to take on the responsibility on the progress being made (3) on the specific situation and also on the social and political difficulties that, of course, will have to be addressed. As Minister Gaspar said, we are now in the final stage of finalizing the seventh review and, on the base of that review (4), also the decisions will be taken to allow Portugal one more year in meeting the targets agreed before. Of course on the basis of the fact that Portugal has done very well (5) in dealing with the structural efforts that were asked of Portugal: structural efforts in terms of the deficit and also in terms of structural reforms. So, in the Eurogroup there is great appreciation for the way that Portugal takes on these challenges, knowing how hard it is, knowing that the economy is showing more problems than we anticipated so that is the basis for our appreciation and, on that basis, we will allow Portugal more time on the basis of the seventh review (6) Also, of course, we hope to take the decision in June on the lengthening of the maturities. Portugal will be given more time to pay back the loans received from the EFSF and the EFSM (7). So, on that basis, I think we've discussed the cooperation which has been very fruitful between us personally and between Portugal and the Eurogroup as a whole and the European partners stand ready to help Portugal and to support Portugal where possible so over the next year, when Portugal hopefully will make a successful exit to the financial markets again and leave the programme (8). So thank you once again for your hospitality and for the very constructive talks that we had.

**Vítor Gaspar** : Thank you again for all the support you have been extending to Portugal, in the context of your presence in the Eurogroup. We are now available to answer four questions, hopefully two questions for the President of the Eurogroup and two questions to myself. The questions will be made and answered in English, please.

**Journalist**: ...if the European Union considers a more flexible target for the deficit.....in the seventh review it has been considered more time for the loans and considering the economic performance in Europe and with reflexions here in Portugal, in the economy, if you consider that it will be necessary to give more time to Portugal, yet considering the unstable Schedule that we are living now in terms of the social and political support that can make some more difficulties to meet these targets on the table.

**Jeroen Dijsselbloem**: Right...

**Journalist**: ...Did you discuss that?

**Jeroen Dijsselbloem:** I think it is very important the issues of targets and programmes and it has of course been discussed. I think it is very important to agree to what we have now only recently established. We've adjusted the programme on the basis of the seventh review and of course, also an adjustment was made on the basis of the Constitutional Court's (9)...an adjustment was also necessary on the programme. I think that it is very importante that we now constructively work on all the adjustments that are necessary. Not just in Portugal but throughout the Eurozone structural reforms have to be pushed forward for the whole of Europe and the Eurozone in particular to become more competitive...if – and this also the line of the European Commission taken– on the basis of this effort, and complying with the programmes reaching the structural targets, if more time is necessary because of the economic setback, than more time might be considered, at that time. But on the basis of the programme as agreed now, I think it's time to continue with the programme and to meet the structural targets that are agreed and then flexibility might be necessary at the end of the programme period.

Journalist:...

**Vítor Gaspar:** If you allow me...

Journalist: Yes.

**Vítor Gaspar:** If you allow me, I want to elaborate on this very point because we fully agree on this matter but I want to make it perfectly clear what is at stake. So:

Number 1: We have now just completed the staff level agreement with the Troika to complete the seventh review. The completion of the process will be formally achieved at the June meetings of the Ministers of Finance. The Eurogroup meeting will be chaired by (10) Jeroen Dijsselbloem and, as the President of the Eurogroup made it clear, it's absolutely crucial that deal is accepted and will be implemented by the Portuguese authorities. That is key for this process to be concluded successfully. That's element number one.

Element Number two, that the President of the Eurogroup also highlighted, is that we already benefited from, in the context of the negotiations of the seventh review, from the new European policy that very much emphasises that what is key is the policy action (11) which is taken and, therefore, nominal limits (12) have to be amended if circumstances, if economic developments so require (13). No doubt whatsoever as the European position emphasised by vice-President Olly Rehn and that is a principle which was accepted right at the beginning of the seventh review (14) by the Troika. When we started our adjustment programme, the limit for the budget deficit in 2013 was 3% and now it has been sucessfully amended – it has been amended twice – to 5.5% at this stage. So, clearly, circumstances have changed and the limits of programme have changed with it. That's very important (15).

Thirdly, we have been able, during this period, through strong implementation of the programme to build a track record with our international friends and partners and also

with financial markets. The results that we're able to attain are based on our strong track record. That would have not been possible without it, clearly given that the European approach is exactly as outlined by the President of the Eurogroup, we cannot exclude that further flexibility will be used in the future but obviously if...only if circumstances so make it necessary. In terms of policy efforts, it's up to us in Portugal to stick to our side of the deal and provide the structural adjustments that we have agreed to deliver. Thank you.

**Journalist:** Mr Dijsselbloem, Patricia Cacer (16) from RTP. You told a news journal, before you came to Portugal that you came to Portugal to know the reality of the impact of the memorandum in Portugal. It's marked for social and economic crisis (17) and starting some political (18)...I want to ask you if this can...it's a thing that happens in all rescued countries. This is a proof that austerity in Europe can be the wrong way?

**Jeroen Dijsselbloem:** I think we have to be quite precise in what the strategy in the Eurogroup for the Eurocrisis has been. It consists of three elements.

First of all, fiscal consolidation. We have to realise that Europe with its economic structure, its economic outlook, its aging workforce (19) has to deal with its indebtedness (20). So gradually and sensibly we have to work on our government deficits. That's part one.

And this is what we're doing now. And as I've just said, the European Commission is proving very wise in its strategy to say: If countries comply to the structural efforts that is asked of them, and are faced with (21) more economic setbacks, more time can be given. So that's the sensible approach of the budgetary discipline (22) and the fiscal consolidation which has to continue.

The second element in our strategy is, of course, the structural reforms. Europe has, of course, to become more competitive. We have to get out there to get business opportunities in our exports, etc. That will take a lot of changes, different in different countries but all countries have to push forward some structural reforms, also in the Netherlands, my country.

The third element, is also on the top of our bill (23) which is the banking union. So the strategy of the Eurozone consists of the three elements and has never been one sided or singular in one aspect. On the banking union, I think Vítor Gaspar and I fully agree on the importance of bringing the banking union as quickly as possible forward. And hopefully before the Summer, in the month of June, we will reach an agreement on both the resolution directive as well as the direct recap of the ESM (24), two crucial elements to strengthen our banks and to get them in better shape so they can support the real economy.



**Journalist:** Hello. Good afternoon. I will ask my question in Portuguese because I want to be perfectly clear, if you don't mind (25)...

**Jeroen Dijsselbloem:** Right. These are three questions. I'll try and remember them. I think the first one was: «Has there been a request from the side of the Portuguese government to renegotiate the timetables and the targets?». The answer is no, because we've only just completed the talks on the basis of the seventh review. The targets will be adjusted, another year will be given to the Portuguese government in the programme and now the Portuguese government is fully committed to work on that basis with the European partners and the European partners are fully committed to support Portugal where and when necessary (26). There you go.

The second question was... Can You help me?...

**Vítor Gaspar:** The Portuguese coalition (27).

**Jeroen Dijsselbloem:** Ah, It's not up to me to give any opinion on national politics. The only thing I know is that the main political parties, both inside the coalition but also the socialist party, outside the coalition are committed to work with the European partners and are very determined to work their way (28) with the European partners. So I don't think the economic debate within Portugal is a threat to the approach of the programme. In every country, there is, of course, debate on elements of the programme. What is the right way to fill the programme in (29). And countries have a lot of say in that. The European partners only sort of look if the programme as a whole is credible but the elements in the programme can be decided by national politicians and by the Portuguese government itself. So I've no great worries there.

And the third one was on the Banking Union. We are moving as fast as we can. The whole project of the Banking Union only started Summer last year and December last year (30) we already agreed on the single supervisory mechanism. The ECB (31) will then start its work Summer next year and the time in between will be used to look at the balance sheets of the banks, to have instruments available to support the banks where necessary and to really make a good start as of next year with the European supervision on banks. So, mid next year (32), the formal start will take place and we have to make sure that we have all the instruments and all the guarantees for that moment.

**Vítor Gaspar:** If you allow me, Jeroen, on Banking Union, as everybody knows, Banking Union is a key priority for the Portuguese government, the issue of national fragmentation in the Euroarea is a key concern for Portugal. We do believe that Portuguese firms are being penalized in terms of their access to financing over and above what would be justified by their business prospects (33) and credit risk profile, so both in terms of a proper functioning of the Euroarea but also from a national (34) viewpoint it is key for us that progress in Banking Union goes ahead as fast as possible and I want to pay tribute to your leadership in steering that process, in the most effective way.

If you allow me, Jeroen, I will address the two pieces that have to do with Portuguese politics in Portuguese.

**Jeroen Dijsselbloem:** Please.

**Vítor Gaspar:**.....

(Repetição de uma parte da gravação, no original cedido pela RTP)

**Journalist:** I have a question for Mr Gaspar. My name is (35)... from Dutch television. There are a lot of angry (36) people in Southern Europe that look upon Mr Dijsselbloem as the assistant to Angela Merkel. How do you look upon him? Is he your partner or your controller (37)?

**Vítor Gaspar:** I would caution against oversimplification, irrespective of the geographical location or origin of that oversimplification. I regard Dijsselbloem both as a friend and a partner and in what concerns the specific case of Portugal, Jeroen has been, consistently, a very understanding partner, trying to facilitate as much as he possibly can the finding of constructive solutions for Portugal. So I definitively regard him as a partner and a friend.

**Journalist:** Thank you very much. There are people who have been sacrificing a lot...a substantial part of their wages, lost their jobs... Do you think they can have any confidence in the programme you've discussed with Mr Dijsselbloem?

**Vítor Gaspar:** The way I see it is the following. As Jeroen has emphasised previously, there is no doubt whatsoever that the adjustment process in Southern Europe has been very costly.

I think people have been very sensitive to losses in income, through wage reduction and tax increases, but if you ask people what is their main concern, you will get a unanimous answer: it's unemployment, and in particular youth unemployment. At this point in time, in Portugal youth unemployment is of about 40%. No country can tolerate such level for long. That's why, in Europe, we regard the fight against youth unemployment, the creation of jobs, as our top priority.

Now, how do we think that this is going to work? We believe that, given the depth of the crisis, it was crucial, at the first stage, to have financial stabilization, budgetary consolidation. First priority.

Once, to a certain extent, the degree of confidence has been accumulated, it's time to move to a different stage, a stage where investment is crucial. A stage where Growth will come gradually, but, as I mentioned before, there has to be sustainable growth. It has to be something that can be maintained over time. Only through sustainable growth we are going to have good jobs and better wages, in a competitive Portugal.

**Jornalista:** Thank you.

## **ANEXO C**

### **Comprovativos das Interpretações e sua Avaliação**

Lisbon, April 30<sup>th</sup> 2013

Dear Sirs,

To whom it may concern I hereby highly recommend Miguel Nobre de Carvalho for EN\_PT simultaneous interpretation, pursuant to his excellent performance during the following assignments for RTP TV channel, which covered a wide variety of fields:


**Live transmission speech by the president of EC, J.M. Durão Barroso. Nobel Peace Prize ceremony, RTP TV channel, 2012/December/10<sup>th</sup> Lisbon**

**Live transmission of the election night victory speech by President Barack Obama, RTP TV channel, 2012/November/7<sup>th</sup>, Lisbon**

**Live transmission debates between President Obama and Governor Romney, USA, RTP TV channel, 2012/October/3<sup>rd</sup>, 16<sup>th</sup> and 22<sup>nd</sup>, Lisbon**

**Live transmission speech by President Barack Obama, Democratic National Convention, RTP TV channel, 2012/September/7<sup>th</sup>, Lisbon**

In addition, he would be an asset to any organization and I recommend him for any endeavor he chooses to pursue in this context.

Sincerely,   
Rosário Valadas  
General Manager

Info@sintagma.pt  
www.sintagma.pt

Tel: +351 214 574 233  
Fax: +351 961 630 913

NIF: 501 016 597

Rua José Régio nº9 - 3º And  
Quinta das Palmeiras  
2780-129 OERAS  
(Portugal)

# APRe!

## AVALIAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

António Manique na qualidade de Presidente da Comissão Executiva do Colóquio vem por este meio declarar, após reserva e adjudicação dos serviços de interpretação simultânea e sussurrada EN\_PT\_EN de Miguel Nobre de Carvalho, no **colóquio internacional da APRe!, subordinado ao tema «Os Reformados na Europa - Que Políticas de Investimento Social?»** - que decorreu no dia 26 de Outubro de 2013, no auditório da Escola Superior de Tecnologia da Saúde, das 10 às 17:30h, – que o seu desempenho foi:

.Não satisfatório ☐

.Medíocre ☐

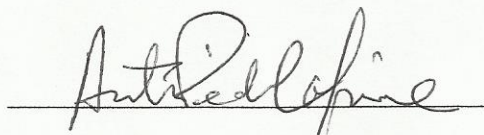
.Satisfatório ☐

.Bom ☐

.Muito bom ☐

.Excelente ☒

Esta apreciação destina-se ao júri da prova final do Mestrado em Tradução, área de Especialização em Inglês, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



Lisboa, 28 de Outubro de 2013